



UECE – Universidade Estadual do Ceará  
FAFIDAM – Fac. de Filosofia Dom Aureliano Matos  
Curso: História

**A vela que ilumina o enfermo: redescobrimo o  
encatamento e os símbolos de fé - Práticas de reza e  
cura em Morada Nova - CE**

Aluno: Paulo Vitor Nogueira de Oliveira

# Índice

**Introdução----- 2**

**I capítulo – O mal-estar pós-moderno e o reencantamento da realidade  
psico-socio-cultural ----- 8**

**1.1- *Ciência X Magia: a crise da razão* ----- 8**

**1.2- *A doença* ----- 15**

**1.3- *Religião na cura: magia e religião*----- 24**

**1.4- *A cura como magia* ----- 34**

**II capítulo – Velas, peão, encostos e ritos de cura: Crenças e símbolos  
entre as práticas de cura em Morada Nova ----- 47**

**2.1- *O curandeirismo na cidade* ----- 48**

**2.2- *A formação de um curandeiro* ----- 55**

**2.3- *As simbologias na cura* ----- 61**

**2.4- *Natureza e cura* ----- 67**

**2.5- *A eficácia da cura na “fé persuasiva”* ----- 72**

**III capítulo – Século XXI: O novo já nasce velho! ----- 76**

**3.1- *Do curandeiro ao médico* ----- 77**

**3.2- *Do médico ao curandeiro* ----- 80**

**3.3- *O curandeirismo no século XXI* ----- 83**

## Introdução

*“O artista deve liberar o mundo da dor, mesmo não se libertando do seu próprio sofrimento”.*  
André Suares

A opção de estudar os rezadores (ou curandeiros) de Morada Nova é algo que está diretamente ligado a minha vida. Quando era criança tinha um indizível fascínio pelas formas como as rezadoras (até aí só tinha visto rezadoras) curavam as pessoas. Contribuiu também para o meu interesse em estudar os rezadores, ou curandeiros, as conversas cotidianas com minha família, amigos e até de desconhecidos.

Aquelas palavras ditas tão rapidamente, e eu tentando decifrar algo do que era dito, os galhos de árvores em suas mãos, a concentração do paciente e da curandeira, ao mesmo tempo em que havia um fascínio existia também um medo, o que era aquilo, quem eram aquelas mulheres magras com ar de mistério que iam até minha casa para ‘curar’ as pessoas da minha família (parecia para mim uma bruxa de desenho animado)? Eu me perguntava se era alguma “bruxaria” ou se as rezadoras simplesmente ‘conversavam com Deus e chegava a um consenso sobre a cura do doente’, minha educação familiar católica me estimulava o “medo” que causa distanciamento. Minhas lembranças de contatos com os curandeiros, ou melhor, ‘o curandeiro’, porque minha mãe só me levava ao mesmo curandeiro, como um “médico da família, não são claras, pois eu ainda era muito criança, no entanto, tenho a certeza de que me parecia sempre um mundo novo, ou pelo menos diferente do que existia fora daquele momento.

Enfim, minhas experiências pessoais são as maiores responsáveis pelo meu interesse inquestionável em lançar-me nesse trabalho sobre esse determinado assunto.

A frase citada no início dessa introdução de André Suares e extraída de um artigo de Edgar Morin (*A suportável realidade*), no qual a religião também pode ser vista como a “estética”, a arte, pois ela não só nos leva a um mundo de imaginação, mas permitir transfigurarmos todo sofrimento e todo o mal é bastante elucidativa para o que nos espera no estudo do universo mítico-religioso. A tragédia nos faz sentir a morte, a dor, sem que para isso tenhamos que morrer ou sentir algum tipo de dor “real”, assim também é a religião, permitindo-nos sentir a crueldade da realidade humana sem que

isso nos faça enlouquecer ou vivermos entregue a esse fim comum (morte), pois ela, a religião, ao mesmo tempo em que nos mostra toda a dor nos dá a oportunidade de superá-la. A religião tem o mesmo papel do artista, “liberar o mundo da dor”. Nesse sentido, a magia permeia o mesmo espaço da religião, espaço da “consolação” ao fim comum a qual estão fadados todos os seres vivos, a morte. Porém a magia age de maneira diferente comparada a religião, transfigurando o sofrimento humano através do cotidiano, do íntimo, utilizando-se de práticas mais “pragmáticas”, porém essa aparente contradição entre esses dois universos simbólicos não anula uma a outra.

Edgar Morin<sup>1</sup> caracteriza a existência humana como algo extremamente “doloroso” — outros pensadores, como Freud, Marx, M. Eliade e Feuerbach<sup>2</sup>, também irão perceber esse lado doloroso da vida e a nossa impotência perante a dor — por estarmos indefesos a todos os perigos e incertezas que nos cercam, e desses perigos o maior e mais assustador é a inevitável finalidade de qualquer ser vivo: a morte. Esse fim comum que nos cerca só pode ser suportado pela esperança de sermos algo além do que se vê:

*“De um lado, a eterna estrela e de outro a vaga incerta, meu pé dançando pela extremidade da espuma, e meu cabelo por uma planície de luz deserta. Calada vigiarei meus dias. Quanto mais vigiados mais curtos! Com que mágoa o horizonte avisto... aproximado e sem recurso. Que pena a vida ser só isso”.*<sup>3</sup>

O olhar pessimista da poetisa é a dor (morte) a qual os homens “fogem”, e quem trilha os caminhos dessa fuga é, principalmente, a religião, podendo estar acompanhada da magia ou não, a esperança de que a vida não seja “só isso” é o que move o homem em busca de um “lar” após sua breve e dolorosa passagem por essa vida. Se o homem percebeu que não podia enfrentar as forças da natureza, do destino, ele cria um ser que o pode (Deus), ou uma força manipulável para obter seus desejos individuais e/ou coletivos (magia). No entanto, não é só através da religião e da magia que o ser humano supera sua fragilidade, a arte, a poesia, o amor também são “criações” que consolam, que tornam a vida suportável:

---

<sup>1</sup> MORIN, Edgar. O paradigma perdido – a natureza do homem.

<sup>2</sup> Sobre esses autores ver Ruben Alves, O que é religião.

<sup>3</sup> MEIRELES, Cecília in Ruben Alves, O que é religião, p. 91.

*A realidade é cruel para o ser humano. Lançado sobre a terra, ignorante de seu destino, submetido à morte, não podendo escapar aos lutos, penas, servidões, maldades propriamente humanas, ela é tanto mais cruel quanto o ser humano seja plenamente consciente e plenamente sensível. Sua extrema emotividade, excitabilidade, irritabilidade o tornam vulnerável a todos os golpes do destino. Sua aptidão ao sofrimento é comparável a sua aptidão ao prazer, sua aptidão à tristeza é inseparável de sua aptidão à alegria, e toda perda de felicidade determina sua infelicidade.*

A realidade imposta ao ser humano lhe traz a consciência do que mais o aflige: o fim. Não bastasse a natureza cruel da existência o homem ainda é submetido a outrem que só ampliam as mazelas da dura realidade a qual não consegue escapar. Porém Morin nos explica que as aptidões humanas são “complementares”, tanto a aptidão a felicidade quanto a tristeza, ao infortúnio. Então sobre o homem e sua condição Morin continua:

*O ser humano secreta sem cessar, desejos que se chocam com a realidade. Ele vive cercado de ameaças naturais e humanas. Os deuses, demônios, monstros que personificam seus medos lhe inspiram um terror permanente. Ele é o brinquedo das guerras, das opressões, e é, quase continuamente e quase por todas as partes, escravizados desde os tempos históricos. Ele é – o que de maneira nenhuma os animais são – malvado, destruidor e sua crueldade faz parte da crueldade do mundo. Um número incrível de sofrimentos nasce da incompreensão e do mal-entendido na relação com o outro, sobretudo com o próximo. A consciência da morte – a partir do que ele aprende a fatalidade desde a infância – acompanha-o como consciência da destruição absoluta de seu único e precioso tesouro, seu Eu, e não menos terrível é a morte dos seres queridos que fazem parte do seu ser. Assim a realidade possui características horríveis. O ser humano está entregue a crueldade do mundo.”<sup>4</sup>*

A cura como forma de “transcender” as dores “cotidianas” que afligem o ser humano se encaixa nessa busca mítico-religiosa de superação da fragilidade a qual estamos todos ‘condenados’, tendo em vista essa noção do universo mítico-religioso. O equilíbrio do corpo sempre depende de sua saúde, a diferença está em como se percebe o corpo e, conseqüentemente, o que fazer para mantê-lo ou torná-lo saudável.

Portanto nesse trabalho será utilizado esse conceito central de Edgar Morin, em que o homem cria mecanismos de superação da dor que lhe é inerente, isto é, sua vida é uma busca constante de tornar a realidade menos cruel, fazê-la suportável, neste caso referindo-me a magia e a religião como meios e/ou instrumentos para tal intento.

---

<sup>4</sup> MORIN, Edgar. A suportável realidade, Cronos, Natal, 2001. p.02.

Magia e religião andam de mãos dadas no universo mítico-religioso, uma complementando a outra, sem ficar claro, em muitos casos, a existência de fronteiras que separam ambas as práticas. Enfim, nesse trabalho as práticas mágicas e religiosas irão permear o mesmo espaço.

O ponto de partida desse trabalho será problematizar a negação, em nossa sociedade, ao pensamento mágico, ou a magia como um todo, através da perspectiva regional, de onde tirei as informações centrais para essa análise, no entanto se faz necessário primeiro procurar elucidar todos os ritos e símbolos dos rituais de cura. Pretendo ainda observar como as pessoas que procuram por esses serviços mágico-religiosos de cura em Morada Nova chegam até esses curandeiros e como se dá a formação dos curandeiros, porque eles são curandeiros e o que ganham, se ganham, sendo curandeiros.

No decorrer do trabalho utilizarei na pesquisa exclusivamente fontes orais para observar as práticas de reza e cura.

Tentarei identificar se e como o pré-conceito racional-científico chega às ações no espaço do cotidiano e das simbologias nas procuras por práticas mágicas em Morada Nova, observando, a partir daí, como se dá à relação da sociedade com os curandeiros, através, principalmente, da lógica dos praticantes da cura, procurando não me prender ao pensamento médico oficial, visto que a procura por práticas mágico-religiosas de cura não está apenas relacionada com saúde e doença, no entanto de algum modo abordarei esse tema. Outro objetivo é analisar como as práticas se misturam — diferentes religiões (catolicismo, umbanda, etc.) envolvidas com a prática mágica de cura — nos curandeiros de Morada Nova, conseqüentemente buscando compreender de que forma essa ‘mistura’ não homogênea interfere na ação da cura do ponto de vista dos curandeiros e dos indivíduos que lançam mão dos serviços de cura.

Situando os rezadores nessas práticas mágicas, procurarei entender como se dá, em particular, esse “movimento” social de interação entre uma sociedade “racional” (a racionalidade aqui deve ser entendida como a razão ocidental tecno-científica) e um grupo social que desenvolve práticas mágicas de cura.

Não pretendo delimitar o trabalho com um ponto de vista na área de gênero, ou seja, não buscarei entender diferenças, se é que elas existem, entre rezadores e rezadoras, analisarei o grupo como um todo de uma parte em uma determinada sociedade inserida num determinado contexto sócio-cultural.

A metodologia aplicada será, principalmente, a pesquisa de campo, mas se faz necessário paralelo a isso um “diálogo” teórico com os estudos que abrangem esse assunto, porém sempre priorizando o estudo de campo, pois é dele que irá surgir as problemáticas centrais que guiarão esse trabalho.

Pretendo entender através, prioritariamente, da fala dos curandeiros como se dá todas as formas de cura e seus rituais e os significados ali envolvidos, percebendo a religiosidade e o “saber” na cura embutida como sendo aquilo ao qual se referem os curandeiros, não procurando assim priorizar os discursos oficiais em torno do assunto. Isso porque não se trata de uma análise sociológica, filosófica ou histórica, mas, sim uma análise mais antropológica, na qual os curandeiros têm suas próprias respostas para os questionamentos formulados nesse trabalho. Interessa-me saber como os curandeiros percebem o mundo ao seu redor através da visão própria dos praticantes da cura, tudo mais que estiver circundando o assunto, seja na parte teórica ou nos discursos oficiais, irá apenas complementar a análise das práticas de cura e reza em Morada Nova.

Hoje as práticas de magia nas cidades é um tema bastante pertinente, já que atualmente é fácil encontrar pessoas que lançam mão da magia, muitas vezes até como forma de trabalho. Nos grandes centros urbanos ou em pequenas cidades é fácil encontrar espaços de consulta oracular, por exemplo, ou então propagandas dos mesmos. No entanto, é fácil observar como em uma sociedade tecno-científica como a nossa essas práticas ainda persistem, mesmo sendo marginalizadas, por mais que hoje haja mais abertura para a realização de tais práticas elas continuam existindo de forma efetiva às margens da sociedade ocidental, porém esse espaço ainda não retira esses serviços das margens sociais. O lugar onde os curandeiros observados nesse trabalho estão inseridos está longe de ser um grande centro urbano, entretanto é possível

perceber, como afirma os próprios curandeiros, um aumento das práticas mágicas de cura.<sup>5</sup>

Devido ao crescimento contínuo da busca por práticas mágicas o interesse de se estudar esse assunto aumentou consideravelmente, e principalmente ganhou mais espaço dentro da academia. Este trabalho se localiza dentro desses novos interesses acadêmicos de pesquisa, no qual as práticas cotidianas, envolvendo as crenças e seus significados, têm papel fundamental.

Na primeira parte desse trabalho procurarei delimitar as discussões teóricas que irão atravessá-lo, observando os conceitos e teses que circundam os temas em questão: magia, religião, doença, ciência e as trocas sociais entre ambas.

No segundo momento buscarei descrever as práticas de cura, os curandeiros e os significados por esses atribuídos ao universo da cura em Morada Nova nos dias atuais, formulando perguntas aos próprios curandeiros e curandeiras para que fique claro como se dá a construção desse mundo psicossocial de saúde, doença, religiosidade, magia e fé, no qual estão envolvidos os indivíduos que praticam as rezas e curas e os que procuram por esses serviços mágico-religiosos.

Para concluir esse trabalho pretendo analisar como é possível a permanência em uma sociedade tecno-científica práticas ditas “irracionais”, ou melhor, como é possível dentro dessa mesma sociedade o aumento da procura e, conseqüentemente, da oferta de serviços mágicos de cura. Tentarei ainda compreender o conflito social existente entre a medicina, representante do “discurso oficial”, ou racional, ou ainda científico, e as práticas mágico-religiosas de cura em Morada Nova. No entanto quem irá responder a essa última questão serão os indivíduos que buscam as práticas de cura, posto que todos os que procuram os curandeiros também procuram os médicos e buscam se satisfazer com ambas as práticas.

---

<sup>5</sup> Todas as considerações teóricas serão feitas através da utilização de autores especialistas na área como Paula Eleta, Edgar Morin, Ruben Alves, Marcel Mauss, Silas Guerriero, Keith Thomas, Claude Lévi-Strauss, Mircea Eliade e alguns outros.



## **I capítulo**

### **O mal-estar pós-moderno e o reencantamento da realidade psico-socio-cultural**

#### **1.1 - Ciência x Magia: a crise da razão**

Iniciarei esta parte do texto fazendo uma análise do conceito racional e sua eficácia sobre a sociedade contemporânea através das obras citadas na bibliografia deste trabalho, pois se faz necessário situar essa discussão dentro do campo das idéias.<sup>6</sup>

Durante muito tempo se acreditou na onipotência da ciência e, conseqüentemente, na deficiência dos outros meios de interferência na realidade. A ciência cartesiana (ou newtoniana) trouxe para a civilização ocidental grande progresso e grandes esperanças no final do século XIX e começo do século XX, o mundo estava entregue em boas mãos, às dos cientistas, que seriam os únicos capazes de dar fim ao grande sofrimento humano, por meio da razão. E nota-se aí a sacralização do saber, igualmente como fizeram os filósofos na Grécia antiga (Platão e Sócrates), pois, diziam eles, serem os

---

<sup>6</sup> Essa idéia de cientificismo versus práticas mágicas está presente na análise de Silas Guerriero e Paula Eleta.

únicos que poderiam governar de maneira verdadeiramente sábia o mundo\*. Enfim, todas as áreas do conhecimento sofreram essa estigmatização de pensamento e o mundo passou a “crer religiosamente na ciência”\*\*.

Após a primeira guerra (1914-1918) o mundo sentia uma expectativa de progresso, não só técnico-científico como também moral jamais visto. No entanto, em meio a esta “expectativa moral e ética”, uma segunda guerra mundial adentra o mundo ocidental trazendo consigo tudo o que se acreditava ter sido superado por meio da ciência, da razão. Como explicar o terror nazista em uma época de racionalidade, de aperfeiçoamento moral? Filósofos lutando nas guerras ou formulando teorias de defesa para os lados envolvidos na guerra que os interessava. Filósofos como Heidegger, que construiu as bases filosóficas do nazismo durante sua implantação e seu auge na Alemanha.

Todo esse montante de acontecimentos, mais a queda da URSS e da cortina de ferro que cobria a ditadura comunista russa, fizeram com que a civilização ocidental refletisse a respeito do que realmente a ciência podia lhes oferecer. Ao mesmo tempo em que ela oferece tecnologias para superar as pragas no campo constrói bombas atômicas capaz de destruir o mundo em uma guerra nuclear.

*“As sociedades ocidentais modernas apresentam hoje uma realidade sempre mais pluralista, com feições difusas e globais: as convicções tornam-se meras opiniões e a necessidade de escolha uma condição permanente.”<sup>7</sup>*

Edgar Morin classifica a nossa era como “a idade média planetária”, ninguém sabe o dia de amanhã, a incerteza nos rodeia. A ciência passou também a ser questionada. “As noites estão grávidas e ninguém sabe o dia que nascerá”<sup>8</sup> Como já havia pensado Nietzsche no século XIX, a arrogância da ciência não nos aproxima da realidade, mas nos mostra apenas a realidade que queremos ver.<sup>9</sup>

---

\* Em *A República*, Sócrates, segundo Platão, reconhecendo as limitações intelectuais dos governantes gregos afirma que apenas o filósofo seria capaz de governar sabiamente o estado, porém de alguma forma totalitária.

\*\* Ver DELACAMPAGNE, C. *História da filosofia no século XX*

<sup>7</sup> Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul. p. 117.

<sup>8</sup> Provérbio árabe in Edgar Morin, coleção o nome dos deuses: Ninguém sabe o dia que nascerá.

<sup>9</sup> NIETZSCHE, F., *A Gaia ciência*. 1882.

A inquisição queimou curandeiras e especialistas em ervas sob a acusação de bruxos ou feiticeiros, no entanto, a magia ainda é, de forma não tão violenta, negada socialmente, seja pela importância e pela presença determinante do cristianismo na sociedade e/ou pelo cientificismo que tange o pensamento mágico para uma espécie de conhecimento primitivo. Enfim, a magia ainda se mostra nos dias atuais como uma saída marginal para os problemas e os infortúnios que afetam o ser humano. Mas ela ainda está presente entre nós.

*“Não há quem não constate a presença da magia nos dias atuais. Contrariando as expectativas de muitos céticos e também de cientistas, a magia não desapareceu ou restou inútil. Pelo contrário, é cada vez mais fácil visualizar práticas mágicas nos grandes centros urbanos. Se antes ela era praticada em lugares escusos, hoje se faz abertamente, sem nenhum tipo de represália. Anteriormente relegada de maneira preconceituosa às camadas menos escolarizadas, tida como uma ciência primitiva, hoje entrou na moda e é receitada em livros de auto-ajuda, em programas de televisão ou revistas especializadas para pessoas de todas as classes sociais e todos os níveis de instrução. Lojas de produtos místicos e produtos manuais de magia, funcionando de acordo com modernas concepções administrativas, espalham-se por todos os shopping centers. Uma coisa é certa: a magia existe!”<sup>10</sup>*

A presença da magia em nossa sociedade é certa, no entanto, o pensamento tecno-científico ainda tenta expurgar a magia da vida cotidiana das pessoas, hoje certamente bem menos do que antes, seja através da negação da validade de oráculos, adivinhos ou curandeiros.

Guerriero coloca a importância do pensamento racional-científico para “validar” a negação ao pensamento mágico de uma forma geral (curas, previsões astrológicas, etc):

*“Com o advento da ciência moderna, e sua busca incessante de leis naturais para explicar os acontecimentos, a magia começou a ser ameaçada. A ciência expurgou o milagre ou a ação mágica, porém esse movimento não foi imediato. Convém lembrar que um dos grandes pais da ciência moderna, Sir Isaac Newton, dedicava grande parte de seu tempo à busca da transformação alquímica”.*

A racionalidade dogmática ameaçou e de alguma forma continua ameaçando a magia (isso será melhor trabalhado a frente), através dos discursos oficiais que se propagam nas relações sociais mais íntimas. Entretanto a magia também encontrou meios de sobreviver principalmente através da “imperfeição” desse sistema cientificista que não proporcionou tudo aquilo que se propunha.

---

<sup>10</sup> Guerriero, Silas. A Magia existe?p. 05.

*Porém pouco a pouco a visão mecanicista da ciência, que vê o universo como uma grande máquina, foi anulando as explicações animistas que vêem todos os seres do universo como possuidores de uma alma. Para Keith Thomas, no livro *Religião e o declínio da magia*, não foi o domínio técnico sobre a natureza que operou a marginalidade da magia, mas sim o advento do pensamento pragmático. A ciência não trouxe um maior controle e previsibilidade da natureza, mas tornou o pensamento mágico difícil de ser aceito por uma mentalidade que se fazia cada vez mais racional. Mesmo porque a ciência ainda não cumpriu, e provavelmente jamais cumprirá, a promessa de realizar um controle e previsibilidade sobre a natureza e a vida humana. A magia deixou de ser intelectualmente aceita, porém não submergiu. Isso explica por que temos hoje a necessidade de explicar a magia por princípios científicos, mesmo não sendo essa uma tarefa possível “.*<sup>11</sup>

Nós estamos fortemente imbuídos desse “pré-conceito” racional-científico, onde tudo só é possível se tiver uma explicação lógica, fomos educados para pensarmos assim, tudo o que aprendemos no colégio é a velha forma da ciência, seja na química ou na história. E é aí que a magia não se enquadra no pensamento racional-científico. As práticas mágicas não podem ter explicações “científicas”, pois a mesma não depende de um aval da ciência para se validar, necessita apenas de quem pratica e de quem procura a prática da magia para conseguir algo, não importando se essa crença seja coletiva ou individual. E se a ciência insiste em querer provar através de seus métodos que a magia não passa de uma farsa, perde seu tempo e recursos numa batalha desgastante, sem fim e inseqüente, primeiro porque alcançamos uma posição em que não conseguiríamos mais abdicar da racionalidade na nossa vida, isto é, a magia não tem a intenção de superar a ciência, pois para quem busca as práticas mágicas não importa se a maioria dos casos não é atendida com sucesso, importa mesmo é que exista algum caso que tenha tido sucesso:

*“Ora, o que encontramos no espaço das consultas divinatórias é justamente o fato da imaginação, alimentada pelos oráculos místicos revelar-se como fator geral do equilíbrio psicossocial. Pode-se ser racional ao extremo na vida cotidiana e ser cliente dos serviços oraculares. Naquele momento o que conta é a magia do encontro entre o adivinho e o consulente”.*<sup>12</sup>

Portanto, não podemos tratar a magia com um olhar “científico”, de experimentações e comprovações, posto que não se aplica esta forma de ciência à

---

<sup>11</sup> Idem, p. 78 e 79.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 57.

magia, temos que agora entender o pensamento mágico como ele se explica, dar voz a magia para ela mesma poder dizer o que ela é.

Sendo assim podemos ver como não existe uma “racionalização” (não entenda a falta dessa “racionalização” como falta de razão ou lógica, pois o grupo cria lógicas próprias) no discurso dos curandeiros:

*“Só uma pena que eu tive que morreu um cunhado meu que mandou lá em casa, quando ele mandou já tava sem jeito. Manoel Amâncio, irmão da sua avó (...) Já não vale mais né. Chegou atrasado. Agora com Manoel Amâncio disse que ia precisar de mim já tava sem jeito. Que não acreditava. Quando ele veio me percurar já tava sem jeito.”<sup>13</sup>*

Esse trecho acima citado por uma das curandeiras que entrevistei, demonstra como a fé na cura é um ponto de equilíbrio principal entre o curandeiro e o paciente, a fé é indispensável para o sucesso da cura.

A fé aqui precisa ser associada a eficácia da magia, ou seja, fé é sinônimo de crença, essa eficácia que é garantida pelos encantos e outros fatores mais, porém o sucesso da cura necessita de uma dose de fé. A concessão divina é um pré-requisito fundamental para o sucesso da cura, porém ela não se realiza sem os adereços mágicos e a figura do curandeiro, ser especial e possuidor dos meios que permitem a cura.

A fé religiosa complementa a eficácia da magia e vice-e-versa. As pessoas sempre esperaram da religião mais do que simples consolo, elas queriam, e continuam querendo, realizações concretas e imediatas para suas vidas, não somente a população mais carente. Keith Thomas percebe a importância que os santos têm na igreja católica não só como exemplos de homens que doaram suas vidas a Deus e a pregação da palavra cristã, mas também seres com poderes especiais, capazes de curar doenças e possuidores de poderes mágicos de toda a natureza.<sup>14</sup> Portanto, por mais que exista uma cristianização das práticas mágicas, como mostra Carlo Ginzburg em *Os andarilhos do bem*, também há uma “subversão” dos objetos, dogmas e das crenças cristãs por parte da magia. Os significados por traz dessas trocas transitam por uma via de mão dupla.

---

<sup>13</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de novembro de 2005.

<sup>14</sup> Thomas, Keith. *Religião e o declínio da magia*.

Então percebemos como a magia está longe de ser algo ao qual podemos comparar com a “ciência”, ou mesmo aplicar métodos científicos a mesma, não porque ela seja melhor ou pior, mas por se tratar de um terreno insólito à ciência experimental, no qual estão inseridas a magia e a religião. Por isso a negação do pensamento racional científico à magia tratando-o como forma primitiva de conhecimento é inoportuna nessa análise. O pensamento analógico-simbólico-mitológico-mágico parte, antes de qualquer coisa, da subjetividade humana, sendo errôneo buscar explicações sem tentar compreender e aceitar essa subjetividade como um campo de construção do real.<sup>15</sup>

Não é novidade para nós que nossos antepassados lançavam mão da magia para conseguir uma boa caçada, uma boa colheita e conseguir alcançar outros objetivos como a cura de algum enfermo, por exemplo. Para essas curas, em algumas tribos, principalmente da América Latina, eram designados seres específicos, os Xamans. O Xamam é um ser especial porque ele contém a sabedoria e ao mesmo tempo uma espécie de incumbência espiritual, ou seja, era uma espécie de médico e médium ao mesmo tempo, já foi dito antes aqui que os curandeiros também possuem essa característica dupla. Assim é a magia, não vê diferença “espacial” entre o conhecimento que se tem da realidade e o poder de “construção” do desconhecido (imaginário). As causas dos acontecimentos ao nosso redor, para a magia, não estão separadas, pois para o pensamento mágico o universo está em conexão, logo todos os acontecimentos que ocorrem estão ligados a forças maiores e/ou distantes, e para se resolver algum problema existem diversas maneiras, todas válidas, de interferir na realidade, a magia é uma delas.

*“O homem não é um indivíduo solitário, mas parte de um Todo, tal como a sua estrela própria não é mais que um elo do grande mecanismo celeste (...) Estendendo-se, pois, para além dos limites do seu corpo, mas atento ao que se passa ao seu redor, e procurando perceber quem ele é, o que sente, o que ocorre em seu interior (introspecção), o homem deixa de ser um alienado de si mesmo e do mundo de objetos reais que lhe cerca, e começa a perceber o universo como matéria viva.”<sup>16</sup>*

---

<sup>15</sup> \*Conceito utilizado por Edgar Morin em seu artigo *A suportável realidade* no qual ele difere o homem religioso, ou mítico (analógico-simbólico-mitológico-mágico) do homem racional (racional-lógico-empírico-técnico) como formas de percepções diferentes impressas no mesmo ser.

<sup>16</sup> Ribeiro Jr., João. O que é Magia, p. 13.

A cientificidade extremista passa por uma crise principalmente por não conseguir admitir sua fragilidade e impotência perante aos fatos ou objetos ainda “desconhecidos”, e é por esse motivo que hoje a busca pelas religiões, principalmente as religiões mágicas, é tão forte, pois essas crenças se lançam sabendo que são “apostas”<sup>17</sup> (no caso das religiões mágicas são apostas em que o resultado ‘pode ser passível de influência da vontade humana’), e os “jogadores” que aceitam apostar nesse jogo arriscam tudo por ser uma aposta que vale a pena, diferente da “aposta na cientificidade”, visto que a principal batalha que o ser humano trava a ciência é incapaz de vencer, a morte. Já a religião não a vence, mais consola, pois para ela a morte não é o fim, mas o começo de uma outra vida ainda melhor.

Hoje a ciência parece está mais aberta a incerteza, ao desconhecido ou simplesmente admite suas limitações. Porém ao se abrir para essas novas possibilidades ela percebeu o chão “se abrir sob seus pés”, como disse Einstein ao descobrir a lei da relatividade, e por isso para os poucos cientistas que se abriram para esse novo mundo é extremamente difícil trabalhar com a perspectiva de incerteza, visto que a ciência é a busca por essa certeza. Logo esses cientistas que reconhecem o indescritível percebem a importância da magia como fator decisivo nas relações psicossociais de saúde.

Segundo Max Weber<sup>18</sup> a racionalização científica da sociedade implica no estabelecimento de mecanismos totalitários de controle. Um desses mecanismos de controle totalitário é a seleção social, ou exclusão, de grupos (para não utilizar aqui uma idéia fixa de classes) que podem ter acesso a esse avanço científico ou não. E esse acesso é “permitido” ou “negado”, já que no mundo capitalista o lucro e a riqueza têm importância mestra, pelo poder aquisitivo de cada indivíduo, daí a eterna dificuldade, para não falar impossibilidade, dos indivíduos com menor poder aquisitivo alcançarem os avanços tecnológicos. A ciência cartesiana possibilitou um avanço médico estupendo, porém o custo dessa “nova medicina” exclui a grande maioria da sociedade ocidental.

No entanto, não podemos pensar que a desigualdade social existente, nesse caso referindo-se ao alcance de todas as “classes” sociais às novas descobertas científicas, justifique a busca por práticas mágico-religiosas, pois estaríamos, indubitavelmente,

---

<sup>17</sup> Rubem Alves, o que é religião.

<sup>18</sup> Max Weber in Ruben Alves, o suspiro dos oprimidos e Max Weber, Ciência e política: Duas vocações.

validando previamente o pensamento de Marx, no qual a religião (ou o pensamento mítico de uma forma geral) seria abandonada, ou superada, quando as desigualdades do capitalismo fossem aniquiladas por uma nova ordem social, onde não era preciso “ilusões” que amenizassem a dor, pois a dor, aqui social, não existiria mais. No entanto, é importante que consideremos essa tese de Marx sobre a religião, e ampliando-a, perceber sentido em alguns casos de práticas mágicas de cura como sendo o único meio acessível para determinado grupo.

## **1.2 – A doença**

Depois de perceber o “momento” em que se encontra este trabalho é importante continuar essa parte do trabalho fazendo uma reflexão teórica sobre o “sentido simbólico da doença”, e conseqüentemente da cura, em algumas crenças.

Para melhor compreender esse sentido simbólico é preciso que pensemos no corpo e seu significado social em cada cultura.

*“O corpo do individuo humano sempre foi considerado como significando outra coisa além do organismo fisiológico animal ao qual a ciência atual pode reduzi-lo”.<sup>19</sup>*

Antes o corpo era considerado mais do que uma matéria viva composta por reações químicas e órgãos, ele possuía um sentido, possuía significados que precisavam ser desvendados para a saúde do mesmo. A ciência moderna durante muito tempo tratou o corpo apenas como um emaranhado de reações químico-biológicas e expurgou o olhar de um ser vivo pulsante, de um microcosmo (corpo) dentro de um macrocosmo (universo). No entanto, hoje, a própria ciência percebe a importância de ver o corpo como um todo conectado ao universo, não é a toa, que nos dias atuais em muitos consultórios se faz tratamentos de quase todas as doenças com acupuntura por exemplo, porém não podemos por isso pensar que a ciência inseriu nas suas práticas essas técnicas milenares, ela ainda continua expurgando o desconhecido de suas práticas, talvez ela só não consegue mais “coibir” essas práticas por ser tão claro a eficácia das mesmas.

---

<sup>19</sup> NOVAES, R. A saúde e os conceitos. p. 312.



Hoje a ciência já não renega totalmente a possibilidade de nosso corpo ser um microcosmo dentro de um macrocosmo, e isso é fácil de ser percebido, como já foi citado acima, em “novas” (novas para cultura ocidental) terapias orientais ou quaisquer outras que utilizam essa forma de perceber o corpo, no entanto, é preciso observar que o corpo ainda vai além. Em muitas culturas o corpo é tido como uma extensão da vida social, o indivíduo passa por uma mentalidade coletiva do significado social de sua matéria orgânica corpórea.

*“Isto significa que o corpo é solidário com o meio circundante físico, mas também social.”<sup>20</sup>*

Em determinadas culturas o corpo sendo uma extensão do mundo físico e social ao seu redor precisa de cuidados e de “percepções” ao seu respeito diferentes ao que estamos acostumados nas aulas de biologia que temos no colégio. A doença não será apenas um infortúnio de um indivíduo, mas de toda a sociedade. O indivíduo não adoecerá sozinho. Sozinho e separado são palavras aqui equivalentes, por isso o corpo, para nós significa a matéria individual que está separada de tudo que lhe é externo, não há uma “troca”.

Para começarmos a pensar nesse sentido precisamos primeiro perceber o todo que compõe o universo ao nosso redor, onde nós também somos parte desse universo, e isso não é uma “crença” social, a própria física quântica entende essa ligação dos seres com o universo por troca de “energia”. Enfim, não somos separados do que nos rodeia por não existir ligações físicas visíveis que nos unam, mesmo que pareça o contrário. Estamos no universo e o universo está em nós.<sup>21</sup>

Algumas culturas permanecem crendo na unidade do corpo com o universo, sendo um o microcosmo (corpo), e o outro, ou o todo (universo), seria o macrocosmo. Se não estamos desligados do universo e precisamos estar em harmonia com o mundo externo para que a saúde seja completa, pois só há saúde se o todo estiver saudável,

---

<sup>20</sup> Idem, p.312.

<sup>21</sup> O conceito quântico a respeito da matéria afirma a impossibilidade já comprovada experimentalmente da separação física de toda a matéria do universo. A conexão existente entre os elétrons em distâncias espaciais demonstrou a interligação em uma escala quântica desses sem haver um contato visível, até por que para a física quântica o contato propriamente dito entre os átomos inexistente em qualquer campo, ou seja, não há contato entre a matéria, mas toda ela está conectada.

precisamos cuidar do universo como se cuidássemos do próprio corpo, pois é isso que ele é, a extensão do nosso corpo. Assim a saúde do universo é tão importante quanto a saúde individual e os sintomas individuais podem ser conseqüências do mau funcionamento do todo, ou o contrário.

Se as percepções de corpo se diferenciam entre as culturas, as perspectivas de saúde e doença também irão apresentar singularidades peculiares a cada cultura. A saúde e a doença não podem ser vistas de maneiras iguais em culturas diferentes:

*“O simples fato de se considerar doente e ser tratado como tal pelo grupo obedece a critérios muito diferentes (individuais e coletivos) e acarreta efeitos variados: reclusão voluntária, hospitalização, retiro religioso, acesso a um novo status. Em todos os casos a doença é um sintoma que os especialistas procuram explicar a fim de encontrar o remédio.”<sup>22</sup>*

No entanto, nota-se que em todas as culturas a doença tem um significado de “quebra do equilíbrio natural”, ou seja, algo que se perdeu e deve ser restabelecido, o que irá diferenciar a visão de doença de uma sociedade para outra é como ela irá restabelecer essa ordem que foi afetada pela doença e como a doença afeta esse grupo. Toda doença tem uma forma diferente de ser tratada, seja reclusão ou qualquer outro tipo de tratamento, o importante, sempre é que seja tratado mais rápido possível.

*“(...) consiste em ver na doença uma ruptura do equilíbrio natural (e com a natureza) que deve ser restabelecido. É a base da medicina ocidental “racional” que se inicia com Hipócrates, que se baseia no tratamento dos humores, mas que se encontraria na China através da oposição entre ying e yang, bem como em inúmeras sociedades sem escrita (na África e na América do sul) e práticas populares onde se opõem o ‘quente’ e o ‘frio’, procurando-se manter o equilíbrio e evitar os extremos. A doença é a perda deste equilíbrio: cuida-se dela fazendo o doente absorver alimentos e líquidos de qualidade simbólica oposta à que o indis põe. Trata-se então de uma ‘medicina dos contrários’ ou alopatia por oposição a ‘medicina dos semelhantes, ou homeopatia, que consiste em curar o semelhante pelo semelhante, e que encontramos’ no uso da vacinação...”<sup>23</sup>*

Os sentidos religiosos podem permear os significados sociais da doença, assim como qualquer outro fator psico-social pode também “interferir”. No que diz respeito ao sentido religioso embutido no significado da doença é normal que se encontre, por exemplo, a analogia entre a maldição de estar doente oposta a benção de estar vivo e sadio. O grupo é quem cria essas expectativas e significados, pois só possuem

---

<sup>22</sup> NOVAES, R. A saúde e os conceitos., p. 313.

<sup>23</sup> Idem, p. 313.

verdadeiramente sentido as crenças que forem comungadas por toda a sociedade. E nesse ponto habita um dos pressupostos principais para o reconhecimento da doença e, respectivamente, da cura: a comunhão de crenças necessárias para a existência do mal e do seu antídoto.

*“Em todos os casos, o grupo desempenha um papel fundamental: é ele que restitui a saúde segundo a ideologia, mas também na realidade... O grupo acompanha e possivelmente cria a angústia. Somente ele, contudo, pode dissipá-la.”<sup>24</sup>*

Podemos dizer que em alguns casos o grupo “cria” os sintomas da doença e por isso mesmo só ele é capaz de por fim aos mesmos. O quebrante, ou mau-olhado, pode ser classificado nessa esfera, pois não existe um vírus ou uma bactéria que produza tal doença, é a crença social que cria e combate esses males, não há contato químico, biológico, ou físico direto para o contágio de tais doenças. O curandeiro é o ser incumbido da tarefa de livrar a sociedade daquele infortúnio que ela mesma criou, só ele possui esse poder, porém é preciso que para isso o grupo envolvido tenha realmente a comunhão social na crença do poder eficaz da reza e da cura.

A comparação do corpo como uma parte do todo é a mesma do pensamento mágico. Segundo o pensamento mágico o ser humano só consegue submeter as forças da natureza a sua vontade porque ele faz parte da própria natureza, a conexão é o que permite o conhecimento mágico.

*“A unanimidade da crença comum, coletiva, parece ser, mais que a objetividade dos fatos, o fator mais importante que se pode chamar de mentalidade mágica. O espírito coletivo comanda, com efeito, numa mesma sociedade, ao mesmo tempo a própria noção de saber, a percepção, a fisiologia, e assim, o sucesso vital.”<sup>25</sup>*

Isto é, para o sucesso das práticas mágicas de cura é preciso primeiro uma mentalidade social que assim a tome, pois a cura depende muito mais dessa crença comum na eficácia mágica do que da fé individual, apesar desta última ser também bastante importante, como veremos mais adiante nas falas dos próprios curandeiros. De novo aí aparece o grupo como possuidor do mecanismo principal da cura, a fé coletiva, a comunhão de uma crença.

---

<sup>24</sup> Ibidem, p.314.

<sup>25</sup> Ibidem, p.315.

Porém em nossa sociedade como há um número muito grande de crenças e essa diversidade acaba por gerar uma não-unanimidade, encontram-se grupos sociais que utilizam a mesma visão, ou crença, nas práticas mágicas, e são esses grupos que mantêm a mentalidade social necessária para a eficácia das práticas mágicas de cura em nossa sociedade.

Os curandeiros se encontram entre esses grupos que crêem na eficácia mágica de cura, porém é preciso sempre lembrar que aqui a cura tem uma forte tonalidade religiosa. No entanto, entre os curandeiros que entrevistei ficou claro a eficiência da cura para todos os males possíveis:

*“Eu curo tudo. O que precisar, eu curo.”<sup>26</sup>*

Outro ponto interessante de ser analisado é o de que na maioria dos casos essas “doenças e curas sociais” não possuem separação de especialidades para o sucesso da cura. Na fala acima citada de Maria média, uma curandeira de Morada Nova, fica claro como em alguns casos não há distinção dessas especificidades, o contrário do que ocorre na medicina ocidental, pois é preciso ser dermatologista para possuir o saber necessário para o diagnóstico de doenças na pele etc. No entanto, algumas pessoas afirmam que existem curandeiros que só curam algumas doenças, (não foi possível até a realização desse trabalho, encontrar algum desses curandeiros), a diferença vai estar na formação desses curandeiros especialistas em determinada doença, pois o ato de curar, segundo os curandeiros, é acima de tudo um dom divino, não apenas uma aquisição de saberes.

*“Deus dá esse dom pra gente ajudar.”<sup>27</sup>*

A fé é o remédio universal para toda e qualquer doença, logo sempre há meios de se curar qualquer enfermidade, basta para isso se realizar ter fé (a crença comum dos indivíduos envolvidos nesse meio social também pode ser classificada de fé). A magia possui todos os remédios necessários para todos os males, menos a morte, é onde entra a religião, no consolo dessa inevitável fatalidade. Logo a magia se aproxima do cotidiano

---

<sup>26</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de novembro de 2005.

<sup>27</sup> Pai João, curandeiro. Entrevista cedida em 14 de julho de 2005.

pragmático dos anseios sociais enquanto a religião está no sentido dessa busca. Apesar disso não é claro a separação entre magia e religião.

A especificidade existente nas práticas mágico-religiosas de cura está na distinção dos meios utilizados para a realização desta. Maria média diz ser preciso para curar algumas doenças adereços diferentes dos que são utilizados na cura de outras. Quando pergunto a curandeira se ela utiliza algum objeto para fazer a cura ela me responde prontamente que sim, utiliza a vela nas curas. Pergunto ainda se em todas as curas é sempre utilizado a vela, e ela me responde:

*“Sempre com vela... Não, tem o quebranto que é com ramo, né. O quebrante com ramo, boca torta, o armenco...Tudo com ramo. Com a vela é aquele perturbado. Tem que ser com a vela, né. As vezes que vem com espírito mal, né.”<sup>28</sup>*

Ou seja, existem especificidades no que diz respeito aos adereços que se deve utilizar em cada cura. Doenças diferentes exigem formas diferentes de serem combatidas, mas a curandeira possui “encantos”, ou “orações” para todas elas, e se a cura não for o suficiente ela diz ser capaz de produzir remédios que combatem qualquer mal.

Nessa passagem podemos ver também como a doença não é só um fator biológico, mas também espiritual, retomemos a análise do todo e suas partes inseparáveis. O espírito e o corpo aqui são sentidos como elementos únicos, unidos, tanto um como outro podem adoecer e necessitar de um tratamento para recuperar o equilíbrio perdido. Já foi citada antes a importância dos sentidos religiosos nos sintomas e nas curas de vários males, esses sintomas religiosos não são vistos de forma diferente dos sintomas físico-biológicos, assim como um mal físico, o mal espiritual também tem cura, e por não ser o corpo separado do espírito, nos males deste último o corpo sofre conjuntamente com a alma.

A busca pelo restabelecimento do equilíbrio perdido com o infortúnio da doença “espiritual” é o exemplo máximo de singularidade das ofertas mágico-religiosas de cura em relação a medicina oficial, apesar de, como observa Marcel Mauss, nos ritos mágicos

---

<sup>28</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de novembro de 2005.

há sempre características distintiva dos demais ritos sociais, possibilitando uma “especialidade” ou “exclusividade” do serviço mágico em determinados ritos e símbolos.<sup>29</sup>

Não é reconhecida a existência do espírito por parte da ciência, talvez o que ocorre seja exatamente o contrário, cada vez mais a ciência tenta demonstrar a não existência de tal entidade, através da psicanálise, filosofia ou da física, por isso ela, a ciência, torna-se incapaz de combater qualquer mal associado ao espírito. Além desse fator determinante podemos pensar também na sacralização do poder mágico, pois como observa Paula Eleta<sup>30</sup>, nas sociedades sul-americanas há um re-encantamento da religião ao mesmo tempo em que há uma “sacralização religiosa” dos serviços mágicos, possibilitando o trânsito permanente entre vários grupos sociais dentro do espaço mágico. Portanto, as práticas mágicas na cultura popular podem ser percebidas não como práticas profanas, mas sim como práticas somadoras do sagrado, como indica Mauss, ambas as práticas (magia e religião) pertencem ao campo do sagrado.

Em alguns momentos Maria média faz menção a uma espécie de doença que ocorre quando um espírito está “perturbando” uma pessoa, essa doença ela classifica de “perturbação”, que seria também algo muito parecido com a loucura que é tratada pela psiquiatria, porém essa loucura difere da “loucura tratada pela psiquiatria”, pois é causada pela presença de alguma entidade sobrenatural. Nesse ponto a fala de Maria média coincide com a fala de Pai João, outro curandeiro de Morada Nova.

*“Existem espíritos que se aproximam demais das pessoas, muitas vezes esses espíritos não querem fazer mau a ninguém, mas acabam perturbando as pessoas que tão perto.”<sup>31</sup>*

O curandeiro aí possui não mais uma característica “médica” (apesar dessa medicina ser uma medicina mágica) e sim “exorcizante” ou, para ser menos sensacionalista, uma característica mágica. Porém a saúde ainda é o objetivo do serviço de cura mágica, assim como o fim da prática médica oficial. Enfim, ambos os curandeiros afirmam ser possível curar a pessoa que esteja sofrendo de “perturbação”.

---

<sup>29</sup> Marcel Mauss in José Carlos Pereira, a magia nas intermitências da religião e Marcel Mauss, esboço de uma teoria geral sobre a magia.

<sup>30</sup> Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul

<sup>31</sup> Pai João, curandeiro. Entrevista cedida em 14 de julho de 2005.

Maria Média utiliza, nos casos de “perturbação” ou qualquer outra doença do espírito, a vela branca de sete dias. Segundo a curandeira, ela se utiliza da vela branca de sete dias para a realização deste tipo de cura por que assim foi “desenvolvida no Maranhão pelo professor Luís Fernando”<sup>32</sup>. Aí percebemos também a formação de um curandeiro através do ensino de um mestre, mas isso será abordado melhor mais adiante.

Ervas receitadas por curandeiros, chazinhos preparados por simpáticas vovós, receitas milagrosas de tias distantes e rezas poderosas de místicas benzedadeiras integram até hoje a medicina popular. A ciência não expurgou a magia porque não conseguiu, e não conseguirá, pois responder a todos os problemas da humanidade, da morte aos mais “humanos” é tarefa árdua e inseqüente, não veremos a verdade desvendar os nossos mais íntimos mistérios, assim como a magia e a religião também não conseguirão, apenas o tentam, arriscam.

### **1.3 –Religião e magia**

*“A religião é o solene desvendar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor.”*

*Feuerbach*

*“Religião é a neurose obsessiva universal da humanidade.”*

*Freud*

*“O sofrimento religioso é, ao mesmo tempo, expressão de um sofrimento real e um protesto contra um sofrimento real. Suspiro de criatura oprimida; coração de um mundo sem coração; espírito de uma situação sem espírito; a religião é o ópio do povo.”*

*Marx*

Não é de fácil percepção a separação entre religião e magia, porém é certo que não podemos pensar que são a mesma coisa quando não são. Segundo Marcel Mauss tanto a magia quanto a religião estão inseridas no campo do sagrado, porém o que as diferenciam substancialmente em determinada perspectiva sociológica são os ritos que

---

<sup>32</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de novembro de 2005.

ambas dispõe no cotidiano. Utilizarei determinada separação um pouco mais pragmática: A magia é a manipulação de forças externas (ou internas, porém desconhecidas) ao homem, forças essas chamadas de “natureza” (nunca de Deus), em que o indivíduo lança mão da magia para alcançar um objetivo individual e/ou coletivo, manipulação essa do próprio homem sobre seu meio circundante, ou “natural” - essa é uma definição própria interpretando vários autores (Ruben Alves, Mircea Eliade, Silas Guerriero, Eliphas Levi, Paula Eleta, Rodolfo Franco Puttini, João Ribeiro Jr., Claude Lévi-Strauss e Marcel Mauss) que pensam acerca do assunto. Esse objetivo é alcançado submetendo as forças da “natureza” (natureza aqui não são só as plantas ou animais, mas tudo aquilo que é conhecido e desconhecido, as forças extra-humanas que podem estar impressas em nós) à vontade do mago que atende quem o procura para tal. Um fator muito importante para perceber as características distintivas entre magia e religião está na cadeia simbólica da magia, que não se preocupa com preceitos morais ou éticos, sendo amoral, não podendo ser confundida com uma prática ‘imoral’. O que a torna pretensa a qualquer tipo de serviços, até aqueles serviços “sociavelmente reprováveis”.

Podemos ainda utilizar um conceito de Mauss para perceber as peculiaridades entre o universo mágico e o universo religioso. Segundo Mauss enquanto a magia está no campo da necessidade a religião está no campo da moral, isto é, a magia se aproxima do cotidiano sem afastar a religião do seu papel funcional dentro de um grupo social.

*“A magia nasce da vontade, pela qual o homem procura ser ele mesmo... Qualquer que seja o método empregado na magia pelo homem desperto, sua principal meta é usar o mundo sensível segundo a sua própria vontade. Nada resiste à vontade do homem, quando sabe a verdade e quer o bem”, dizia o célebre mago francês do século XIX, Eliphas Levi...”*<sup>33</sup>

Já o Universo religioso possui algumas características peculiares quando relacionado com as práticas mágicas. Diferentemente da magia que manipula as forças externas, consideradas para o pensamento religioso como Deus ou “objetos divinos”, por isso sagrados, o rumo dos acontecimentos não pode e nem deve ser manipulado pelo homem, pois só Deus tem o poder de transformar a realidade ao nosso redor — nesse tema poderíamos considerar Marx quando ele se refere a religião como uma espécie de

---

<sup>33</sup> Ribeiro Jr., João. O que é magia, p. 15.



‘droga’, “o ópio do povo”, visto que a religião aí tem um papel de consolo e convencimento em que a realidade não pode ser transformada pelo homem, pois só Deus, se Ele assim quiser, pode modificar o percurso já traçado da vida — sendo assim, as práticas mágicas são ‘heresias’ diretas contra a vontade divina, é preciso esperar a bondade da providência divina se queremos alcançar algo, que somente será alcançado se tivermos fé e se for algo compreendido como “bom”, nunca para o mal (entenda bem e mal como sendo algo particular de cada grupo social envolvido, no caso de Morada Nova se destaca a moral cristã). A religião produz preceitos morais que devem ser seguidos por seus fiéis. No entanto a cultura popular mágica sempre co-habitou no espaço mágico de seus ritos religiosos, isto é, as diferenças citadas acima não impedem de que em muitos casos as duas práticas, magia e religião, se misturem e fundem um novo modo de ver e sentir o mundo ao nosso redor, se levamos em consideração a contemporaneidade pós-moderna a que estamos convivendo percebemos uma incitação maior das ofertas místicas sem a descaracterização do culto religioso, principalmente no campo da religião podemos observar essa dinâmica.<sup>34</sup>

Em relação ao sincretismo das práticas mágicas e religiosas, pode-se observar ao nosso redor a junção presente no dia a dia dessas duas formas diferentes de perceber a vida e o sofrimento humano, principalmente no cristianismo popular, mas podendo ser observado em outras religiões. Conversando com Maria média perguntei se ela pedia a cura para alguém, Jesus Cristo, por exemplo, ao que ela me respondeu:

*“Não. Eu tenho os encantos. Eu tenho o meu terreiro pra minha cura mesmo. Só pra minha cura.”*<sup>35</sup>

Porém mais adiante a curandeira afirma:

*“(...) já tenho levantado gente com trombose, já tenho levantado gente com perturbação na cabeça, gente que chega lá em casa aleijado numa perna, uma dor, uma coisa, tudo eu já tenho levantado, **mas primeiramente o poder de Deus. Sem Deus eu num faço nada**”.*

Num primeiro momento a curandeira afirma que a cura é feita por ela mesma, pois possuir os “encantos” garantiria a cura por si só, não havendo assim a necessidade de

---

<sup>34</sup> Ver Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul.

<sup>35</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de novembro de 2005.

um pedido da cura para alguém ou alguma representação religiosa, no entanto, a própria curandeira afirma ainda que é preciso a concessão divina para a realização da cura, ou melhor, essa concessão é a base de toda a cura. Os universos mágicos e religiosos aí se entrelaçam para dar maior significado e eficácia a cura. Para a curandeira para e quem lança mão das práticas mágico-religiosas de cura, não existe uma separação explícita, ou não, dessas duas práticas, pois essa fusão, como outras que são feitas no cotidiano, é válida para alcançar o objetivo buscado, a cura, e justifica-se quando busca alcançar um objetivo comum.<sup>36</sup> Neste caso a relação existente na fala de Maria média demonstra a ampliação simbólica dos efeitos e conseqüentemente das ofertas de interpretação participante místicas e/ou de naturezas diversas e aparentemente contraditórias.

Em relação a essa fusão da magia com a religião, mesmo tratando aqui especificamente da religião, podemos perceber que para entender o universo mítico-religioso precisamos compreender as intermitências e as continuidades entre magia e religião. Segundo Marcel Mauss é de suma importância para quem estuda a religião como um fato social lidar com esses elementos aparentemente opostos e paradoxais (magia e religião), que estão ligados e convivem de forma intrínseca num mesmo espaço.<sup>37</sup>

*“A proposta de Mauss, confrontando dois temas, aparentemente opostos, é elaborar uma teoria do rito e uma noção do sagrado. O rito tem um caráter de imposição, ou seja, impõe-se algo para obter determinado fim. Mauss quer demonstrar que a prática da magia e da religião, só tem sentido enquanto relacionados com vida social. Ambas ocorrem através de rituais e a importância e o sentido do rito não está na prática individual, mas social. Magia e religião são, portanto, fatos sociais que acontecem intermitentemente no âmbito do sagrado.”<sup>38</sup>*

Podemos sem muito esforço observar a influência do catolicismo popular nas práticas cotidianas sul-americanas como ferramenta e, ao mesmo tempo, resultado de re-significações sociais de várias percepções místicas. É possível notar uma forte carga de representações culturais no catolicismo popular, seja estas representações indígenas, africanas, européias e em menores proporções outras culturas.

---

<sup>36</sup> A religiosidade pós-moderna está sendo construída sobre a eficácia pragmática dos mitos e ritos, entretanto as crenças pós-modernas coexistem e dialogam de forma não dominadora com as práticas religiosas menos pragmáticas.

<sup>37</sup> Marcel Mauss in José Carlos Pereira, a magia nas intermitências da religião.

<sup>38</sup> José Carlos Pereira, a magia nas intermitências da religião, p. 01.

*“Ninguém ignora que as religiões são de per si sincréticas (Augé 1982; Pace 1995), tendo em vista que toda religião vitoriosa se consolida sobre as ruínas das precedentes, ‘absorvendo-as’ e reelaborando-as a partir de uma nova hegemonia na representação das coisas. No território sul-americano as expressões sincréticas até hoje ocupa espaço significativo, e ali as práticas sincréticas nunca abandonaram tanto a dimensão sagrada como a profana. Para compreender esses aspectos do fenômeno religioso, é preciso frisar o papel que o catolicismo representou desde o período da evangelização; desde o início, ele assumiu caráter difuso, funcionando como um véu superficial sobre um sistema de crenças pré-cristãs, de origem africana, indígena, e assim por diante.<sup>39</sup>”*

Assim sendo o campo simbólico proporcionado pelas múltiplas experiências místicas no catolicismo é a paisagem em que se desenha a re-descoberta do encantamento religioso, e em alguns casos encantamento cultural de forma generalizada.

Sigmund Freud em *O futuro de uma ilusão* classifica o sentimento religioso como uma neurose (uma ilusão) — essa neurose seria uma “neurose coletiva” — onde o ser humano volta a ser tão, ou mais irracional quanto os seus antepassados, que Freud considera “primitivos”. Para Freud, assim como o homem amadureceu e abandonou as práticas mágicas e criou a religião, também irá acontecer o mesmo com a religião em relação a ciência, pois com o amadurecimento da humanidade todas as ilusões serão abdicadas em favor de um progresso sólido da nossa civilização, ou seja, a religião dará lugar a razão. No entanto, segundo Marcel Mauss a magia não precede a religião como técnica ou rito, elas coexistem no mesmo espaço e tempo, comungando e inter-cruzando numa cosmovisão social, seus ritos são distintos e complementares. Podemos perceber atos religiosos na magia e atos mágicos na religião.

Curioso ainda é lembrar que foi o próprio Freud quem primeiro decifrou os sonhos argumentando que eles seriam mensagens sobre uma verdade inconsciente e que não poderíamos pensar na linguagem dos sonhos como uma linguagem qualquer, pois os objetos e/ou as pessoas presentes nos sonhos não são o que parecem ser. Os sonhos nos enganam, falando de nós mesmos, porém de uma forma que não entendamos. A imaginação está nos sonhos como está na religião, logo a religião também pode ser vista como uma forma de linguagem entre o homem e uma “verdade inconsciente”, ou Deus. A

---

<sup>39</sup> Paula Eleta, *O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul*. p. 124.

religião também é um “sonho da mente humana” como disse Feuerbach, mas Freud assim não a considerou.

Ainda precisamos observar que Freud e Marx chegam a conclusões idênticas no que diz respeito ao sentido da religião em nossa sociedade, ela é sempre uma patologia, seja ela neurótica ou como “o desencontro do ser que ainda não se achou ou se perdeu após se achar”.

*“Uma das mais persistentes tendências das ciências do comportamento humano é a de interpretar o fenômeno religioso como uma enfermidade. Marx e Freud foram aqueles que, de forma mais clara e direta, enunciaram tal convicção. ‘Religião — observava Marx —, é a autoconsciência e a maneira de sentir daquele homem que ou ainda não se encontrou ou, após encontrar-se, voltou a perde-se (...) Religião é ópio do povo.’ Freud de igual forma, mas partindo de problemas, técnicas e hipóteses que nenhuma relação direta tinham com as de Marx, chega a uma conclusão idêntica. Religião é uma ilusão criada pela mente neurótica, afim de tornar sua impotência e seu medo suportáveis. Religião é uma forma de falsa consciência, uma alienação, uma enfermidade psicossocial que deve ser estudada pela ciência como enfermidade, isto é, do ponto de vista da necessidade de sua eliminação.”<sup>40</sup>*

Não podemos utilizar uma teoria anti-humanista para decifrar os mistérios do sentimento religioso, seria negar a criação desse mesmo sentimento pela imaginação humana, o que tornaria a religião inata ao ser humano, uma dádiva.

Para Marx é o meio que modifica o homem, nunca o contrário. Para Freud a religião precisa ser totalmente superada, pois não passa de simples patologia psico-socio-cultural.

As ciências do comportamento humano são tão objetivas, segundo o pensamento marxista ou Freudiano, que tem grande influencia nos estudos atuais sobre os assuntos psico-socio-culturais, quanto forem ajustáveis a realidade externa ao homem, nunca à interna.

*“Ao ideal científico de objetividade corresponde um padrão de normalidade psicossocial em termos de ajustamento.”<sup>41</sup>*

Durante muito tempo a sociologia tratou a religião como um assunto de menor importância nos seus estudos, apesar de sua origem ter considerado o campo religioso como vital para o entendimento da sociedade, esse desinteresse posterior a criação das

---

<sup>40</sup> Alves, Ruben. O suspiro dos oprimidos, p. 91.

<sup>41</sup> Idem, p. 93.

ciências sociais se deu por considerar as demais observações dos meios sociais mais próximas de uma objetividade sobre o conhecimento social (economia, política, etc.). No entanto, os estudos da religião podem ser percebidos de outra maneira, como já foram um dia.

*“Creio não ser exagero afirmar que a religião ocupou um lugar central nas formulações teóricas dos fundadores da sociologia. Falamos hoje em sociologia da religião como um corpo de conhecimento que aparece ao lado de outros, como um capítulo da sociologia, como um ramo de especialização. A preocupação com a religião é uma questão acidental, que se deriva dos interesses do cientista. Ela não pertence ao centro mesmo da teoria sociológica. A situação era muito distinta no início da nossa ciência. Vejam, por exemplo, Emile Durkheim. Ao se propor a pergunta, “como é possível a ordem social?”, e levado a rejeitar as explicações derivadas do empirismo individualista, ele se refere ao sentimento de reverência e autoridade que caracteriza a relação do indivíduo face à consciência coletiva, fundamento da ordem social. Mas reverência e autoridade são atributos religiosos. A ordem social é possível, portanto, em virtude do caráter essencialmente religioso da consciência coletiva. No seu pensamento a religião não aparece como um tópico separado, depois que os problemas da teoria social foram resolvidos.*

Perceber as relações sociais tendo como bases edificadoras os símbolos e ritos religiosos é possível sim, segundo Ruben Alves, e também necessário visto a importância de estudos clássicos a respeito deste tema.

*A idéia de uma sociologia da religião, como um corpo acidental sobre um fenômeno histórico lhe é estranha, porque não pode existir sociedade sem religião. Assim nas primeiras páginas de As formas elementares da vida religiosa ele declarava que o objeto do seu estudo era a “natureza religiosa do homem, ou seja (...) um aspecto essencial e permanente da humanidade”. E, na conclusão de seu estudo afirma que há algo de eterno na religião que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares com que ela sucessivamente se envolveu.*

*Em Weber a religião aparece como fator indispensável na explicação de desenvolvimentos econômicos.”<sup>42</sup>*

Segundo esses conceitos citados por Ruben Alves a religião deve ser observada como sendo um dos alicerces principais das relações psico-socio-culturais e o afastamento dos estudos dessa concepção analítica se traduz nos novos estudos sociais.

Edgar Morin ao afirmar que “toda fé possui seu ceticismo e que todo ceticismo possui sua fé”<sup>43</sup> está confirmando o que muitos estudiosos de várias áreas não

---

<sup>42</sup> Ibidem, p. 105 e 106.

<sup>43</sup> Ver Morin, Edgar. Coleção Nome de deuses: ninguém sabe o dia que nascerá.

conseguem “classificar efetivamente”, pois não faz parte do seu campo de estudo de fato (logo não é “real”). Somos movidos por paixões, o próprio Freud afirmou isso, e essas paixões (desejos), exatamente por serem paixões, não seguem uma lógica cartesiana ou linear, todo amante sabe que a paixão é irracional.

*“Mas, e Deus existe? A vida tem sentido? O universo tem uma face? A morte é minha irmã? Ao que alma religiosa só poderia responder: ‘Não sei. Mas eu desejo ardentemente que assim seja. E me lanço inteira. Porque é mais belo o risco ao lado da esperança que a certeza ao lado de um universo fero e sem sentido...’”*<sup>44</sup>

Portanto, a religião precisa ser percebida como construtora do meio circundante, meio psico-socio-cultural. A subjetividade religiosa é tão real quanto uma reação química, pois a realidade também é composta pelo incerto, pela imaginação. A religião pode ser pensada como um campo “autônomo” e não somente como um apêndice dos estudos sociais e isto pode ser observado em alguns autores como o próprio Ruben Alves.

A magia, porém, é mais “objetiva” do que a religião, se pensarmos que a religião não se importa com sua eficácia, pois a fé é um fim em si mesma. Para a magia essa eficácia é fundamental para a existência da mesma. Por isso muitos cientistas, como Freud, durante muito tempo, tentaram provar que a magia seria apenas uma forma primitiva de cientificidade. No entanto a objetividade da magia é extremamente diferente da objetividade científica, respeitando símbolos e crenças sociais.

Percebendo o contexto socio-cultural que se encontra a sociedade ocidental pós-moderna, especificamente a América do sul podemos pensar:

*“Hoje, na América do Sul, a difusão do fenômeno da magia é acompanhada por uma profunda mudança no universo religioso. Trata-se, fundamentalmente, de um processo marcado pela quebra do monopólio, de posse ainda recentemente do catolicismo; quebra que se tornou ainda mais evidente com a crise da autoridade institucional que, por conseguinte, acelera a fragmentação das crenças religiosas. À perda da hegemonia do catolicismo como religião da maioria segue-se o surgimento de novas expressões religiosas e o revival de outras expressões estranhas ao catolicismo, coisas que permitem um “excepcional” processo de desestruturação e recomposição da vida religiosa sul-americana.”*<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Ruben Alves. O que é religião, p. 101.

<sup>45</sup> Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul. p. 119.

Pode-se perceber claramente essa “quebra de monopólio” em relação ao catolicismo em Morada Nova através do grande número de igrejas protestantes e evangélicas que são instituídas em pouco tempo, sem falar em algumas outras religiões que também crescem, como o espiritismo Kardecista, por exemplo. O aumento da procura pelos serviços mágicos de cura também pode ser compreendida como parte desse reencantamento que encontra-se as culturas sul-americanas.

*“O processo da mudança religiosa, que hoje ocorre em toda a América latina (AL), caracteriza-se pelo aumento do pluralismo(...) Na realidade sul-americana, a dimensão cotidiana nunca se demarcou com toda a clareza do extraordinário e sobrenatural: ou melhor, o espaço sagrado não é absolutamente excluído da experiência cotidiana, vive-se o acesso a ele de modo direto, sem precisar intermediários institucionais.”<sup>46</sup>*

A cura está embutida nesse emaranhado de signos e misturas, na qual seus praticantes e clientes têm suas próprias lógicas e respostas que os satisfazem, pois o grupo social envolvido sofre imposições mas também produz seus signos e sua cosmovisão. É preciso deixar claro que a maioria das pessoas não fica a se perguntar por que estão indo a um curandeiro, elas simplesmente vão, a fé em suas crenças é a única explicação que lhes necessita, entretanto cabe-nos a tarefa de sempre interpretar seus símbolos e signos.

*“A reconquista hoje efetuada pelo mágico dos espaços religiosos, de onde fora até então ‘em parte’ marginalizado, é decerto acelerada pelas situações de incerteza e mal-estar próprias das sociedades modernas. Quero referir-me a uma realidade cotidiana que não é mais tão evidente, e a situações em que as bases da ordem de um dado estado de coisas vão progressivamente se enfraquecendo e as identidades dos sujeitos se vêem ameaçadas por incertezas que se põem nos planos cognitivo, moral e prático.”<sup>47</sup>*

A religião e a magia se fundem na cura dando-lhe uma maior significação, tanto para os indivíduos que praticam como para os que lançam mão das práticas mágico-religiosas de cura. A religião “sacraliza” as práticas mágicas, consideradas profanas pela igreja católica, pois podemos perceber a forte cristianização dos serviços mágicos. Entretanto não é só o catolicismo que está presente no universo dos curandeiros de Morada Nova, encontram-se também a umbanda e outras religiões, mas a grande

---

<sup>46</sup>Idem. p. 119/120.

<sup>47</sup>Ibidem. p. 129/130.

maioria é sim de católicos, tanto os que procuram pelos serviços mágico-religiosos de cura como os que ofertam esses serviços.

É importante perceber a mudança no seio das próprias religiões, que precisa se re-inventar para manter ou conseguir mais fiéis, isto é, devido ao avivamento presente da magia a religião enquanto entidade busca meios de se utilizar de práticas mágicas sem cair numa “magicização” estrutural.

*“Tendo em vista, como já fora evidenciado por Weber (1968), que a experiência religiosa ou mágica está em relação direta com a vivência subjetiva (com as representações e os fins que lhe são atribuídos), não estranha que um espaço considerado religioso a magia seja tão procurada como oferecida. Não é, portanto, de se surpreender que os ‘fregueses da magia’ se dirijam a essas agências não tanto pelas suas doutrinas religiosas como pela sua pretensa capacidade de manipular o sobrenatural e modificar a realidade (dada a sua autoridade religiosa).”<sup>48</sup>*

Enfim, como constatou Marcel Mauss é imprescindível para quem procura perceber o espaço religioso num determinado meio social a confrontação dos ritos e símbolos religiosos com a ritualização mágica (a comparação, segundo Marcel Mauss, expõe mais detalhadamente as peculiaridades de cada rito e conseqüentemente as maneiras como o grupo que os praticam redefinem sua cosmovisão), neste sentido podemos pensar ainda numa singularidade nesse trabalho enquanto aos atos de cura que possuem ambas as características designadas por Mauss em seus ritos (mágicas e religiosas).

#### **1.4 – A cura como magia**

*“Vejam a situação na qual encontramos a magia. O homem engajado numa série de atividades práticas, chega a uma situação que o frustra: o caçador é desapontado por sua presa, o marinheiro não tem os ventos propícios, o construtor de canoas lida com um material desconhecido e ele não está certo se agüentará as pressões, uma pessoa sadia nota que suas forças lhe faltam... Abandonado por seu conhecimento, confundido por suas experiências passadas e por suas habilidades técnicas, ele compreende a sua impotência. Não obstante, o seu desejo o domina de forma ainda mais forte. Sua ansiedade, seus medos e esperanças, o induzem a uma tensão no seu organismo que o levam a algum tipo de atividade... O seu sistema nervoso e o seu organismo inteiro o impulsionam na direção de alguma atividade substitutiva. Obcecado pela idéia do fim desejado, ele o sente e vê. O seu organismo reproduz os atos sugeridos pela a antecipação da esperança, ditados pela emoção da*

---

<sup>48</sup> Ibidem, p. 129.



*paixão tão fortemente sentida... Estas reações às emoções muito fortes ou desejos obsessivos são respostas naturais do homem a tais situações, baseada num mecanismo psicofisiológico universal.”<sup>49</sup>*

Malinowski no trecho acima percebe a magia como sendo mais uma das possibilidades que o ser humano encontrou, ou criou, para fugir da realidade dura e impiedosa. Através da manipulação da natureza ele obtém os resultados que tanto deseja, um deles é a cura.

Nesse ponto percebamos como a magia e a religião são congruentes no que diz respeito à procura de um “bem-estar extranatural” (ou “imaginário”, se diagnosticamos o mundo ao redor como sendo o mundo real, racional), como oferta aos indivíduos que as buscam. Porém existem, como já foi dito antes, diferenças básicas entre ambas. A magia está mais próxima do “cotidiano” do que a religião, os problemas “menores” (a dimensão social desses problemas quase sempre estão comparados a um problema maior que é a morte, segundo Edgar Morin) são facilmente resolvidos com as práticas mágicas. A religião está para moral assim como a Magia está para a necessidade, isto é, as causas religiosas estão ligadas mais a um sentido moral e ético do que pragmático, responsabilidade da magia. Tendo em vista o “espaço-tempo” contemporâneo em que as perguntas se multiplicam na velocidade inversa das respostas, podemos perceber um campo fértil para a propagação das crenças e/ou práticas mágicas.

A magia possui alguma eficácia com certeza, pois, se assim não o fosse, ela, a magia, já teria sido abandonada a muito tempo, e o que podemos perceber é exatamente o contrário, cada vez mais as pessoas buscam respostas e soluções de seus problemas cotidianos lançando mão das práticas mágicas.

*“Num mundo dominado pela lógica cientificista, onde não se devem deixar ‘enganar por credices’, as pessoas constroem estratégias para acreditar desacreditando. Isto é, algo se passa como se a necessidade, ou vontade, de acreditar nas forças ocultas driblasse a imposição de não acreditar.”<sup>50</sup>*

Especificamente na sociedade dita pós-moderna do século XXI o mágico é uma figura que se mostra extremamente importante na manutenção do equilíbrio psico-social, pois essa sociedade contemporânea “reelaborou” anseios que somente o mágico pode

---

<sup>49</sup> Malinowski in Ruben Alves, O suspiro dos oprimidos, p. 48-49.

<sup>50</sup> Guerriero, Silas. A magia existe? Coleção questões fundamentais do ser humano, p. 06.

responder, sendo em alguns casos possível observar sua presença sem muito esforço. Ao lado desse terreno social de espaço e de tempo podemos perceber o fortalecimento do mágico como representante do sagrado socialmente reconhecido, isso ocorre principalmente pelo encantamento das práticas religiosas.

Todo esse cenário de possibilidades simbólicas legitima as práticas mágicas:

*“A atual legitimidade do mágico não é, porém, apenas um fenômeno exclusivo da realidade sul-americana: a magia também se faz presente nas diversas culturas da sociedade moderna. Isso ocorreu, em parte, por sua capacidade de multifuncionalidade e transfuncionalidade, que lhe permitiu mudar da forma e adaptar-se às novas exigências e necessidades individuais.”<sup>51</sup>*

Essa presença constante do mágico não só na esfera privada como antigamente, mas também no espaço público, é observada na facilidade que existe atualmente em Morada Nova para encontrar um curandeiro, apesar de existirem relações sociais já estabelecidas de alguma forma para o trato dos pacientes com os especialistas mágicos em cura.

*“A magia que hoje predomina assume, porém, um caráter diferente; ela – embora continue invocando conteúdos e crenças reservadas – desvela alguns de seus mistérios a muitas pessoas, modificando profundamente a sua natureza secreta e reforçando o seu caráter sui generis. Refirimo-nos a uma magia que, embora não exclua outras tradições do mágico, assume basicamente uma identidade de magia prática com fortes componentes de tradição neo-pagã: celta germânica e romano itálica (cf. Eleta 1996; Introvigne 1990). Magia que, embora respeite os princípios de seus objetivos (persuadir as forças naturais a atenderem a seus fins pessoais), é capaz de inovar as formas de manifestação”<sup>52</sup>*

Entretanto é interessante primeiro justificar o porque de colocarmos a cura no campo da magia (visto que a cura em nossa sociedade tem uma carga fortíssima de religiosidade, e que essa por sua vez é constantemente confundida com magia, ou melhor, a magia é constantemente confundida com religião).

Marcel Mauss observa e diferencia a magia dos demais ritos sociais considerando que o ato mágico caracteriza-se pela sua repetição, na crença social em sua eficácia (crença coletivamente compartilhada), pela necessidade em produzir resultados

---

<sup>51</sup> Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul. p. 122.

<sup>52</sup> Idem, p. 122.

socialmente reconhecidos (até mesmo para a manutenção da crença coletiva) e principalmente pelo o fato do ato mágico ser eficaz em si mesmo.<sup>53</sup>

Quando classificamos a cura como magia, para alguns indivíduos “comuns”, sujeitos “simples” impregnados de concepções religiosas e científicas excludentes e etnocêntricas acerca da magia e ritos mágicos, estamos dando ao ato de curar um tom pejorativo, posto a “imposição” do pensamento racional científico e até certo ponto, também religioso, mas esse pré-conceito, segundo Silas Guerriero, que coloca a magia como algo pejorativo, pré-racional, ou “anti-religioso” (ou profano) tem um “sentido” e um objetivo: validar sua negação.<sup>54</sup>

É preciso agora justificar a classificação de ato mágico à cura. A cura é uma espécie de manipulação de forças extraterrenas, ou simplesmente ‘desconhecidas’, para se alcançar um objetivo pessoal, a cura. Observemos ainda que ela se repete constantemente, produz resultados socialmente reconhecidos e partilha da crença social que está inserida. Esses fatores são o bastante para se classificar um ato mágico. Porém, segundo Silas Guerriero, é perfeitamente possível perceber como a magia está presente em nossas vidas sem que muitas vezes a percebamos como tal, é preciso, antes de tudo, que abandonemos a idéia de que magia é sempre utilizada para buscar um objetivo socialmente reconhecido como algo maléfico e que para a magia se realizar como tal é preciso de um mago ou de qualquer outra pessoa especializada para isso. A magia pode estar em pequenos atos de qualquer pessoa simples, como por exemplo, no ato de colocar uma folha de arruda no bolso ou na carteira durante a virada do ano para que alguma “força” atraia dinheiro no ano que está se iniciando. Isso é magia, embora muitas pessoas que praticam esse ritual não aceitem essa classificação e prefiram chamar de “superstição”. No entanto, a superstição, segundo Guerriero, também faz parte do universo da magia, pois é uma forma de manipulação repetitiva e socialmente experimentada de forças alheias ao indivíduo. Enfim, não é preciso muitas explicações para perceber a cura como uma prática mágica. No entanto magia e religião se confundem nas práticas de cura.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> Marcel Mauss in José Carlos Pereira, a magia nas intermitências da religião.

<sup>54</sup> Ver Guerriero, Silas. A magia existe? Coleção questões fundamentais do ser humano.

<sup>55</sup> Idem.

Durante um grande período da modernidade tecno-científica cartesiana (podemos ainda perceber esse pensamento moderno na sociedade contemporânea, porém não de forma homogênea e monopolizadora) acreditou-se que os indivíduos que procuravam os serviços mágicos eram pessoas de baixa escolaridade e de classes sociais mais baixas, o que demonstrava (para os céticos em relação a qualquer outra forma de interferência na realidade que não fosse científica) a “irracionalidade” necessária para se buscar os serviços mágicos. Contudo a realidade pós-moderna coloca a “limitação” dessa perspectiva social dos indivíduos que lançam mão dos serviços mágicos. Como explicar então a procura, hoje em dia maior, por parte das classes médias que possuem mais escolaridade do que a média da população? Responder essa pergunta não parece ser tarefa fácil para os cientificistas, e nem para os que não o são. Como afirma Paula Eleta a baixa escolaridade como fator responsável pela utilização de serviços mágicos não é “suficientemente explicativa” dada a realidade em que se encontra a sociedade contemporânea.<sup>56</sup>

Hoje em dia é comum que indivíduos de classe média chamem um especialista em Feng Shui<sup>57</sup> para equilibrar o ambiente de suas casas e torná-las mais “agradáveis e felizes”, antes esse espaço era do decorador, que não estava preocupado em equilibrar nada, nem em dar felicidade a quem visitasse aquela casa, mas simplesmente deixar aquela casa com um ar de refinação, luxo ou de beleza estética. A diferença entre o decorador e o especialista em Feng Shui é que o primeiro trata a casa como um simples objeto, já o segundo vê na casa uma “alma”, que precisa ser cuidada para que não venha a atingir negativamente as pessoas que moram ou freqüentam aquele ambiente,

---

<sup>56</sup> Ver Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul.

<sup>57</sup> O Feng Shui é a antiga arte chinesa de criar ambientes harmoniosos. Originou-se há cerca de 5.000 anos, nas planícies agrícolas da China Antiga. Seus diagnósticos e resoluções são capazes de resolver quase todos os problemas envolvendo uma casa e as pessoas que moram nela. São adaptados ao moderno estilo de vida, nos levando a entender e compreender uma sabedoria muito profunda que nos ensina a "viver em harmonia com a natureza". Em outras palavras, o Feng Shui é uma antiga arte chinesa que visa a harmonizar os ambientes em que as pessoas vivem e trabalham, conseguindo-se assim, uma vida mais feliz e cheia de Bênçãos Cósmicas. Suas leis e princípios foram desenvolvidas através dos séculos e transmitidas oralmente de Mestre para discípulo. Seria correto dizer que o Feng Shui é a antiga ciência chinesa que visa a localização de diferentes tipos de energia em um local. A palavra ciência, aqui, não tem e nem pretende ter a conotação da ciência moderna. Quando dizemos ciência, significa um sistema no qual os princípios e regras foram baseados em observações e dados estatísticos ao longo dos anos. Os chineses dizem que essa arte é como o vento que não se pode entender, e como a água, que não se pode agarrar. E também é o vento que traz a água das chuvas para nutrir tudo o que está embaixo. (informações extraídas do site: [www.fengshui.com.br](http://www.fengshui.com.br))

ou seja, a concepção mágica do espaço está sendo reafirmada com a prática cada vez mais constante do feng shui.

*“O atual processo de mudança do campo religioso tende, portanto, ora a orientar-se para a renovação dos códigos simbólicos de seus antigos elementos, ora para a incorporação de novos grupos que reelaboram e dão nova vida às crenças populares de cada subcultura, que convertem em mecanismos ativos de interpretação dos problemas cotidianos dos indivíduos. A bricolagem religiosa representa para a magia um terreno muito propício à sua expansão. A magia na vida religiosa é muitas vezes procurada também pelos crentes que, achando-se fora da racionalidade tradicional e vendo o declínio do tradicional sistema de integração religiosa, procuram outras respostas para vencer suas incertezas. Deste modo, a magia em muitos casos chama a atenção de novos e velhos grupos religiosos: torna-se algo de que se fala e em torno do qual se organiza, ora para combatê-la, ora para praticá-la.”<sup>58</sup>*

A baixa escolaridade não é explicação suficiente e muito menos convincente para a procura por práticas mágicas. Outro exemplo prático de que a procura por serviços mágicos não é uma prática exclusiva de indivíduos que não tiveram um contato com a “razão”, é o de que, as curas em Morada Nova, cada vez mais atingem a todas as classes. Segundo Maria média, existiram casos até em que o prefeito da cidade buscou seus serviços e outros em que pessoas muito ricas e com um nível de escolaridade acima da média deram-lhe até uma casa (a casa que hoje ela mora) em recompensa pelos seus serviços de cura. Mais ainda podemos perceber como em Morada Nova os curandeiros possuem o mais diverso tipo de clientela, seja qual for sua religião, sexo ou status social.

*“A magia perpassa todo o tecido social, e variáveis como sexo, classe social e nível de escolaridade não podem ser considerados como suficientemente explicativas.”<sup>59</sup>*

A cura observada nesse trabalho é a mistura da prática mágica com as simbologias e/ou as práticas religiosas, embora não haja um “apoio oficial” a essas práticas por parte de algumas entidades religiosas (principalmente o catolicismo) há sim um sincretismo entre essas diferentes práticas, pois para a religiosidade popular nunca foi necessário um “aval” oficial do cristianismo (leia-se catolicismo), ou de qualquer outra religião, para que se somasse às suas práticas outras formas de crenças e de

---

<sup>58</sup> Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul. p.121.

<sup>59</sup> Idem. p. 123.

interferências na realidade, pelo contrário, muitas vezes é a igreja que “molda” seus dogmas para se “adequar ao pensamento popular cristão”. O sagrado e o “profano” se confundem e surpreendentemente se completam na mentalidade popular, tornando mais difícil perceber a diferença entre ambos. Como Eleta percebe, a religião molda-se sem perder sua estrutura simbólica, embora seus ritos possam se transmutar e absorver outros símbolos e ritos que não são necessariamente originados em suas instâncias simbólicas, ainda mais tendo como campo social um momento de perturbações ideológicas e inquietações místicas ao qual está invariavelmente inserida.

*“Malgrado evidentes mudanças que a magia sofreu no decorrer do tempo, ela ainda mantém como caráter distintivo a sua natureza aparentemente contraditória e expressão fragmentária.”<sup>60</sup>*

Keith Thomas<sup>61</sup>, a respeito das crenças populares como “espaço” para a magicização dos símbolos católicos e o pensamento oficial cristão, relata acerca da Inglaterra medieval (séc. XV, XVI e XVII), onde praticamente toda a população acreditava que os santos cristãos tinham poderes mágicos, e esse talvez, segundo Thomas, era o principal fator que atraía os cristãos à devoção de algum santo, ou de vários, ou ainda, esse era o principal motivo da devoção cristã das massas. Hoje podemos perceber também que os santos continuam a empenhar um papel fundamental nas curas, onde fica clara a crença nos poderes mágicos de cura dos santos católicos, sem falar nos santos populares. Assim como afirma Eleta, os símbolos religiosos sul-americanos estão impregnados de conceitos e rituais mágicos, pois a magia sempre fez parte do universo social da grande massa sul-americana.

Maria Média afirma que algumas curas são uma espécie de oração a algum santo. Cada santo possui uma peculiaridade e um sentido diferente na cura. Ao perguntar se ela faz cura em animais ela me responde que sim e complementa explicando a diferença entre a cura em pessoas e em animais:

*“Tem a diferença que é pra senhor ‘São Mâncio’, né. E em cachorro é pra senhor ‘São Lázaro. São Mâncio é um santo mesmo... E São Lázaro em Canindé tem,*

---

<sup>60</sup> Ibidem. p. 122.

<sup>61</sup> Keith Thomas, *Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra – séculos XVI e XVII*.

*em todo canto tem São Lázaro. E faço engasgamento tombem, de espinha, São Braz”.*

62

Outra característica similar à encontrada por K. Thomas relatada aqui nessa passagem é a especificidade dos santos em relação a cura, alguns são utilizados apenas para engasgo, outros para cura em cachorros, e assim sucessivamente. A cristianização das práticas mágicas de cura é bastante clara, como também é claro a magicização dos símbolos católicos.

Voltemos a falar especificamente da magia. Em alguns momentos as práticas mágicas na cura são transformadas, ou camufladas, em práticas religiosas. Maria média deixa escapar uma “contradição” (para nós uma contradição, para ela uma complementação) em sua fala. Primeiro ela se refere aos textos que recita no momento da cura como “meus encantos”, logo depois chama-os de “minhas orações”.

Ora, orações não fazem parte do universo mágico, porém encantos fazem. Como já foi dito acima não podemos pensar no mundo ao redor sempre de forma laica, fragmentada, a especificação não precisa ser generalizante. Maria média ainda se refere aos livros de encantos como sendo livros de “reza”, de “orações”:

*O livro é aquele livro que a gente tem de oração. Que a gente muitas vezes passa na casa da gente, mas não é outras coisa não, é livro de oração mesmo, de reza. Você não vê falar que tem os curador?<sup>63</sup>*

Teoricamente orações e encantos não são a mesma coisa, possuindo sentidos e classificações diferentes, contudo para a curandeira são práticas “iguais”, “equivalentes”. Há aí o que já foi citado acima, uma “cristianização” das práticas mágicas, que é comum entre as crenças populares.

Relacionando a magia com o pensamento racional-científico percebemos as nuances que habitam este terreno. Hoje os meios de comunicação de massa vendem muito bem o conceito de “racionalidade”, essa “racionalidade” consiste em produzir nos “consumidores” desses meios a lógica tecno-científica, como sendo esta detentora de uma superioridade conquistada perante toda e qualquer forma de conhecimento ou interferência na realidade, apesar de hoje já existir também nesses meios de massa uma

---

<sup>62</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de novembro de 2005.

<sup>63</sup> Idem.

mitificação muito grande. Segundo Edgar Morin “toda fé possui seu ceticismo e todo ceticismo possui sua fé”<sup>64</sup>, pois partindo dessa perspectiva de Morin podemos verificar o que acontece com as manifestações culturais que recriam e divulgam uma cosmovisão de uma dada sociedade, produzindo conscientemente ou não o mundo e suas representações simpáticas. As pessoas possuem desejos que a ciência não consegue entender e muito menos cecear, do mesmo modo que a religião ou a magia não consegue saciar todos os anseios dos seus seguidores, isto é, quando um indivíduo opta por crer na eficácia da ciência (pois precisamos considerar que esta também é uma escolha de postura e de interpretação) não abandona seus mitos e crenças necessariamente, pois em seu íntimo há espaço suficiente para abrigar várias cosmovisões. Ou ainda quando o oposto acontece, crê-se nas verdades religiosas e/ou mágicas, sem estar abandonando as verdades científicas. Na pós-modernidade o que há são necessidades.

*“Nesse contexto se compreende facilmente como a magia não só não foi “derrotada” pela lógica da racionalidade tecnocientífica que predomina com o advento da modernidade, mas também como ela se enriquece com a heterogeneidade cultural e religiosa típica na América do Sul, tornando-se expressão complexa e mostrando ainda sintomas de vitalidade.”<sup>65</sup>*

A eficácia da magia só pode ser percebida pelos indivíduos que procuram-na e os que oferecem os serviços mágicos, porém é preciso interpretá-la.

Subverter os dogmas e as práticas religiosas não parece ser algo que preocupe aqueles que assim o fazem. Precisamos ter a consciência de que os indivíduos moldam a religião tanto quanto são moldados por ela, a diferença está nos meios que cada um encontra para realizar essa “remodelagem”.

*“Se a religião tem uma pretensão ética, a magia é, por seu lado, eminentemente amoral, ou seja, não se preocupa com as questões morais. Não se trata, no entanto, de ser imoral, que seria posicionar-se contra as normas e valores. Não há preocupação alguma com aquilo que pode ser entendido como Bem ou Mal. Nas religiões orientais, de maneira geral, e nas religiões das sociedades tribais, essa*

---

<sup>64</sup> Morin, Edgar. Coleção Nome de deuses. Ninguém sabe o dia que nascerá, p.21.

<sup>65</sup> Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul. p.125.



*distinção entre Bem e Mal também não é evidente. Não há, necessariamente, a figura de um ser criador. A magia, nesses casos, corre muito entrelaçada com a religião”.*<sup>66</sup>

Levando em consideração a citação acima, o que dizer quando as duas práticas se entrelaçam, formando uma única prática? Como sendo tão distintas essas duas práticas (religiosa e mágica) conseguem se fundir em uma só?

Não há uma resposta conclusiva para essa questão, porém é necessário observar que as variações de crenças existem e que os grupos redefinem seus ritos e mitos de acordo com suas necessidades. Esta reelaboração é o que fortalece a magia, pois essas necessidades em movimento criam anseios que somente símbolos e ritos também em movimento são capazes de acompanhar, logo a religião passa por um meio social que não a abandona, mas que a re-significa.

*“A magia em muitas sociedades sul-americanas vai progressivamente ocupando o espaço público, tornando-se mais acessível a todos e menos oculta e, portanto, mais banal mas nem por isso menos significativa; pelo contrário, vai hoje adquirindo sempre mais o seu caráter coletivo que lhe permite gerar novas dinâmicas culturais.”*<sup>67</sup>

A multiplicidade cultural sul-americana, especificamente no território brasileiro, caracteriza-se como um terreno extremamente fértil para a multiplicação do fenômeno mágico pós-moderno, pois a magia sempre esteve impregnada nas crenças populares especialmente nas religiões e a expansão de uma (cultura popular) é acompanhada por um aumento dos domínios da outra (magia).

No entanto a magia que hoje ganha espaço nas representações simbólicas e no “cotidiano pragmático” de muitos indivíduos não possui mais as mesmas características de outrora, apesar de manter seus princípios básicos, como afirma Mauss e Eleta.

*“A magia enquanto expressão difusa assume hoje uma dinâmica toda nova que chama a atenção das ciências sociais. Sem dúvida, essa dinâmica não significa recuar para situações primitivas; ao contrário, hoje a experiência mágica assume um próprio caráter ‘moderno e se constitui, como diz Simmel (1993), como expressão adequada para satisfazer a crescente incerteza do homem moderno. A magia se apresenta hoje como forma de conhecimento-controle de uma realidade difícil, sem todavia representar um mecanismo de fuga da realidade, mas antes uma possível forma simbólico-prática*

---

<sup>66</sup> Guerreiro, Silas. A magia existe? Coleção questões fundamentais do ser humano, p. 81 e 82.

<sup>67</sup> Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul. p.123.

*em condição de enfrentar os males tanto materiais como espirituais das pessoas: sem opor-se, portanto, de modo frontal a outras lógicas presentes em nossas culturas.*<sup>68</sup>

A magia que hoje se multiplica rapidamente não é mais uma magia que se limita ao universo religioso e a seus símbolos (onde até algum tempo a visão laica de algumas religiões excluía, ou tentava excluir, a magia do campo do sagrado, pois ela habita hoje um espaço de reencantamento das práticas simbólicas e cotidianas), isto é, as ofertas mágicas cada vez mais se interpretam e se reelaboram conforme suas próprias necessidades, o “pragmatismo pós-moderno” é o principal guia das práticas simbólicas<sup>69</sup>. Entretanto não é “intenção” dessa magia “livre” separar, ou substituir, os mitos e símbolos religiosos, pois o pensamento religioso também consegue se adaptar aos interesses dos grupos sociais, transmutando-se para sobreviver ao “revival” mágico contemporâneo. Porém esse reencantamento, segundo Eleta, pode causar uma mudança estrutural na base simbólica das religiões.

Levando em consideração todos esses fatos podemos observar como há uma “reorganização de destino” do sagrado para o cotidiano nas práticas de cura, onde a religião não é mais monopolizadora, mas sim parte imprescindível do encantamento desses serviços. A magia dos serviços de cura obstina-se a cecear necessidades ao mesmo tempo que busca se impor perante os símbolos estabelecidos.

*“O saber mágico e os seus agentes invadem muitas vezes o terreno antes monopolizado pela esfera religiosa ou científica, criando, ou melhor, alargando, o próprio campo de aplicação e manipulação simbólica à saúde, à enfermidade e a outras aflições cotidianas. Como a magia sempre foi considerada eficaz no campo da manipulação simbólica, ela parece para certos indivíduos particularmente apropriada como solução dos próprios males, tanto do “corpo” como da “alma”.*<sup>70</sup>

Perceber os locais simbólicos da magia nos atos de cura observando principalmente a fala dos curandeiros será a tarefa do próximo capítulo, pois poderemos observar se e como os temas analisados até aqui circundam e preenchem o curandeirismo em Morada Nova.

---

<sup>68</sup> Idem, p. 143.

<sup>69</sup> Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul.

<sup>70</sup> Ibidem, p.132.

## **II capítulo**

### **Velas, Peão, Encostos e Fé: Crenças e símbolos entre os curandeiros de Morada Nova - CE**

Morada Nova fica a 175km de Fortaleza e está localizada na região do Vale do Jaguaribe, interior do estado do Ceará. A população atual do município de Morada Nova é de aproximadamente 65 mil habitantes, onde pouco mais da metade desses moradanovenses habitam na zona urbana do município, que possui o sexto maior território do estado do Ceará.<sup>71</sup> A economia é basicamente agrária, se destacando a criação de ovinos e caprinos, principalmente caprinos.

A religião predominante em Morada Nova é o catolicismo, segundo alguns memorialistas a cidade nasceu ao redor da igreja matriz. O padroeiro da cidade é o Divino Espírito Santo. O município possui a maior população do Vale do Jaguaribe, o que proporcionalmente equivale dizer que Morada Nova possui o maior número de católicos da região, posto que a maioria esmagadora dessa população é católica.

A saúde pública em Morada Nova é de uma deficiência extrema. Existem dois hospitais na cidade, porém ambos estão praticamente sem funcionamento até a conclusão desse trabalho, funcionando apenas os serviços oferecidos em qualquer pequeno posto de saúde. Um desses hospitais deveria funcionar como hospital regional para toda a região do Vale do Jaguaribe, no entanto, esse hospital não atende se quer as necessidades básicas do município, estando constantemente sem médico e muitas vezes até fechado. Os curandeiros se mostram assim uma alternativa ainda mais presente para as enfermidades dos habitantes do município, contudo não se deve concluir precipitadamente que a procura por esses serviços de cura se dá exclusivamente pelo fato de haver um atendimento público de má qualidade para a população, pois, como veremos, existem vários outros motivos para se buscar tais serviços.

---

<sup>71</sup> Fonte: IBGE, 2003.

Os serviços mágico-religiosos de cura em Morada Nova podem ser facilmente encontrados. Qualquer pessoa conhece, se é que já não procurou, algum curandeiro. O curandeirismo em Morada Nova é algo extremamente forte, existem vários curandeiros espalhados por todo o município, e no interior também.

Dos curandeiros que entrevistei apenas Dona Mariinha não habita na zona urbana de Morada Nova. Pai João Mora no centro da cidade, próximo a igreja matriz. Seu Juarez e sua esposa residem no bairro São Francisco, próximo ao centro da cidade. Maria Média é residente do bairro 02 de Agosto, porém a região de sua casa é conhecida como “mutirão”.

### **2.1 – O curandeirismo na cidade**

O curandeirismo observado nesse trabalho será o praticado na cidade (zona urbana), possibilitando, não propositadamente, perceber um maior número possível de curandeiros e curandeiras num mesmo espaço, entretanto poderá aparecer alguma citação ao meio rural em Morada Nova, mas o foco principal desse trabalho são as práticas mágico-religiosas de reza e cura na cidade, ou melhor, no centro urbano de Morada Nova.

Como já foi dito anteriormente é fácil encontrar um curandeiro em Morada Nova, muitos deles atendem a domicílio, outros não, mas a grande maioria dos curandeiros que encontrei atendem a domicílio. Segundo alguns desses curandeiros, “se Deus deu o dom é para que a gente ajude quem precisa a qualquer hora e em qualquer lugar”<sup>72</sup> (esse discurso está presente em algum momento de todas as falas dos cinco curandeiros que entrevistei), porém veremos como os curandeiros podem também “burlar” essa obrigatoriedade da cura indiscriminada e alheia a sua “vontade”. Como percebe Edgar Morin, o homem cria seus próprios mecanismos, culturais ou não, de acordo com suas experiências vividas, não estando cegamente envolvido por qualquer norma que seja.

Podemos pensar nessa facilidade em encontrar um curandeiro no ambiente urbano de Morada Nova através das considerações de Silas Guerriero e Paula Eleta.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> Pai João, curandeiro. Entrevista cedida em 14 de julho de 2005.

<sup>73</sup> GUERRIERO, Silas. Questões fundamentais - A Magia existe? e Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul

Segundo Guerriero a cidade é o espaço por excelência da “tecno-cientificidade” cartesiana que tenta expurgar a magia do ambiente supostamente racional das zonas urbanas, pois se tratam de práticas irracionais, ou pré-rationais. Entretanto, segundo Guerriero, as práticas mágicas insistem em habitar esse ambiente urbano, observando em muitos casos um aumento significativo na procura e nas ofertas desses serviços devido a fatores que escapam aos “projetos” racionalistas de relações com o ‘conhecimento’. Já Eleta vai um pouco mais além em suas análises, para ela o espaço psico-socio-cultural designado como América Latina, tanto no ambiente rural como no ambiente urbano, é um campo fértil de existência e propagação de práticas mágicas. Esse espaço latino-americano está impregnado de uma miscigenação cultural de fortes características mágicas, o que possibilita a afirmação do mágico e de suas práticas nesse ambiente comum. Para Eleta o catolicismo popular dominante na América latina foi durante toda a modernidade um “veículo” de manutenção e sobrevivência dos serviços mágicos, pois o sincretismo próprio das crenças populares permitia a utilização da magia devido a suas origens mágicas diversas e pragmáticas (indígenas e africanos principalmente).

*“A magia com efeito, nunca desapareceu da cultura local, e é justamente nesta área que afundou suas raízes e preservou os seus princípios basilares, encontrando hoje pontos de apoio em antigas práticas e crenças locais que a tornam expressão não de todo estranha à população e lhe permitem desempenhar um papel tanto prático como cognitivo. As profundas raízes que a magia tem nas sociedades sul-americanas contribuem, assim, para fazer com que a magia se espalhe com maior facilidade nas diversas conjunturas da vida cotidiana sul-americana.”<sup>74</sup>*

Os curandeiros habitando na cidade são muitos, porém é possível encontrar pessoas que preferem algum curandeiro residente no interior. Segundo alguns desses indivíduos que procuram pelos curandeiros no meio rural e que preferiram não ser entrevistados, não há ligação entre o interesse por um curandeiro do interior e alguma possível “superioridade” desse em relação ao que vive no meio urbano, ou vice-versa, o que existe é simplesmente uma escolha “avulsa” e acima de tudo aparentemente individual que envolve relações sócio-culturais particulares de determinados grupos. Como assevera Marcel Mauss o mágico só se torna eficaz pelo reconhecimento social

---

<sup>74</sup> ELETA, Paula. O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul, p. 131.

em torno de suas práticas e crenças, isto é, a relação dos curandeiros com um grupo se dá pelas relações já existentes que validam o poder dos atos mágicos de cura. Há “predisposições sociais” que tornam possível a existência do mágico e de sua magia, porém segundo Mauss, o fator principal da eficácia mágica em uma sociedade é o reconhecimento da capacidade mágica de um indivíduo pelos seus clientes.

Outro fato importante é efeito desta relação pessoal, individual (de indivíduo para indivíduo), que os praticantes e os clientes dos serviços mágico-religiosos de cura possuem entre si, ou seja, muitas vezes são criadas novas simbologias “individuais” (visto que a magia, como classifica Mauss, está principalmente no âmbito do privado) que depois acabam por ganhar status social. Isso será mais bem analisado adiante.

Enfim, os curandeiros da cidade de Morada Nova são bastante procurados, como diz Maria média:

*“Todo mundo me procura. Sempre tem alguém pra me curar.”*

No entanto existem curandeiros que são, também, procurados com a mesma intensidade e que não residem na cidade de Morada Nova. É o caso, por exemplo, de “Dona Mariinha”, residente na zona rural do município. Porém é comum que as pessoas interessadas pelos seus serviços de cura, se desloquem até sua residência ou ainda que ela se desloque até a residência do paciente, visto que essa curandeira é uma das muitas que atendem a domicílio. Ainda é interessante perceber que esta mesma curandeira, até mesmo por possuir parentes na cidade, se encontra constantemente na zona urbana de Morada Nova, não sendo difícil encontrar pessoas que a esperem para a realização de algum serviço oferecido pela curandeira, o que não a torna uma curandeira fixamente da zona rural, pois há em suas práticas ambos os espaços.

Há também curandeiros que preferem não dizer abertamente que o são, mas que realizam curas, ou auxiliam, seja entre familiares ou entre “conhecidos”, como é o caso de Dona Maria, esposa de “Seu Juarez”, esse curandeiro conhecido.

Se considerarmos a fala de Dona Maria, esposa do curandeiro “Seu Juarez”, perceberemos um aprendizado dos serviços mágicos de cura que para a própria Dona Maria a tornam uma curandeira também. Porém se pensarmos na relação social ao qual

se refere Mauss, a esposa do curandeiro Seu Juarez não pode ser considerada uma “especialista”, ou “mágica”, porque não há o reconhecimento social de suas práticas, o que as tornam ineficaz.

Os curandeiros de Morada Nova oferecem uma diversidade de serviços para as mais diferentes doenças, sejam elas “biológicas” ou “socioculturais”, ou talvez seja melhor pensar a diferença de tais doenças sendo aquelas que a medicina oficial reconhece, por isso mesmo combate, são as doenças classificadas como biológicas, e as enfermidades que essa mesma medicina oficial não reconhece, onde essas últimas só podem ser tratadas pelos curandeiros e não pelos médicos. O que deve ser entendido por doenças “socioculturais” é o fator de um determinado sintoma ou infortúnio ser percebido (ou até criado) por causa de efeitos sociais e culturais, do meio social, diferentemente de uma gripe, por exemplo, que possui um vírus cientificamente codificado que a transmite. Entre essas doenças sociais estão o quebrante, (ou quebranto) o mau-olhado, a perturbação, e muitas outras. O diagnóstico passa por uma aprovação do grupo social envolvido na cura, que são os curandeiros e os indivíduos que os procuram. Como já foi dito no primeiro capítulo, existem situações nas quais o grupo cria um mal e conseqüentemente só ele é capaz de por fim a tal infortúnio.

Não existiria o quebrante, por exemplo, se não houvesse uma espécie de “consenso” social da sua existência, diferentemente do que acontece com a medicina, que verifica a existência ou não de qualquer doença por métodos rigidamente dedutivos e demonstrativos, e só os especialistas podem dizer algo sobre os resultados das pesquisas, como já foi dito antes há situações que o grupo precisa comungar de crenças para a existência de um mal e, conseqüentemente, do seu antídoto. O quebrante é uma “doença” que a medicina oficial não reconhece, portanto não tem como tratá-la. Para a cura dessas “doenças sociais” é preciso um antídoto também social, no caso a cura. É preciso entender que os indivíduos que procuram os curandeiros, sejam para curar-se das doenças sociais ou as biológicas, não são céticos em relação à ciência, no caso à medicina, elas continuam indo ao médico, simultaneamente com os curandeiros.

Outro fato importante encontrado nas minhas conversas com os curandeiros foi a distinção bastante perceptível da relação dos curandeiros com os seus “pacientes” e a

relação entre médicos e os mesmo pacientes na cosmovisão dos especialistas em cura. Por exemplo, enquanto um indivíduo vai ao médico na maioria das vezes buscando saber o que o aflige e, conseqüentemente, como dar fim ao desequilíbrio de sua saúde, o indivíduo que procura um curandeiro normalmente já vai com um “diagnóstico” do infortúnio que o aflige. Podemos perceber isso na fala de dona Maria.

*“Tem gente que vem aqui dizendo que tá com quebrante, porque dá pra saber que é quando bota.”<sup>75</sup>*

Todos os curandeiros que procurei são de classe “mais baixa” e nas conversas que tive com algumas pessoas que já procuraram os serviços mágicos de cura, ficou claro que a maioria dos curandeiros residentes em Morada Nova são também de classe mais baixa. Porém nesse trabalho não cabe tentar explicar ou entender por que e como isso acontece.

Em detrimento à classe social do curandeiro o público que procura os serviços de cura é bastante diversificado. As pessoas de classes abastadas têm cada vez mais procurado resolver seus problemas de saúde nas práticas mágicas de cura. Porém entre os curandeiros que procurei, nenhum tem a cura como uma prática remunerada assumidamente, apesar de às vezes receberem algo depois da cura. Mas é preciso que fique claro que isso não é um pagamento, pois não existe um preço, fixo ou não, para a cura, existe uma “reciprocidade”, ou uma “gentileza” para com os curandeiros. Não há remuneração, mas sim uma “rede” de retribuições.

Pai João diz que não cobra por seus serviços, mas que “de vez em quando o pessoal dá alguma coisa”, como exemplo ele cita um dia em que foi chamado a uma fazenda pra curar um menino e depois de feita a cura os pais do menino deram-lhe um queijo:

*“Eu não cobre nada, mas eu também não ia negar. Se a pessoa quer dá né?”<sup>76</sup>*

Maria média diz também não cobrar pela cura, mas afirmou que às vezes as pessoas querem dar alguma coisa e ela acaba aceitando. Eis o que ela diz quando pergunto se ela cobra pela cura: “Nada. Só mesmo a palavra de Deus. Deus quando

---

<sup>75</sup> Dona Maria, esposa de um curandeiro. Entrevista cedida em 19 de maio de 2006.

<sup>76</sup>Idem.



andou no mundo não precisou disso não”, responde a curandeira, que mais adiante também afirma que muitas pessoas “ricas” procuram seus serviços e a recompensa por eles:

*“Se quiser dar um agrado, eu não digo que é pago. Eu não digo (...) Um homem de Roraima agora, mandou mil e seiscentos pra mim. Do filho dele que tava com trombose, aleijado. Ficou bonzim. Tu vê um pouco da bebida, viu. Da bebida”.<sup>77</sup>*

Ainda sobre o assunto da existência ou não de um pagamento da cura, Maria média diz que aceita qualquer coisa que a pessoa quiser dar, seja comida, dinheiro, etc.:

*“Tudo que a pessoa der, e dá se quiser”.<sup>78</sup>*

Conversando com algumas pessoas que já procuraram um ou mais curandeiros e que preferiram não dá entrevistas, descobri que algumas sempre “tentam” dar alguma coisa aos curandeiros — na maioria das vezes é oferecido comida, quase nunca se oferece dinheiro — mas, segundo essas pessoas, não há uma cobrança explícita pelos serviços mágicos de cura, o que existe é um posicionamento de reciprocidade para o auxílio dado pelo curandeiro, o que não é suficiente para caracterizar um pagamento. Alguns curandeiros recebem depois de muita insistência e outros nem insistindo. Segundo as pessoas com quem conversei há essa vontade de dar algo porque os curandeiros são “pessoas pobres que precisam daquilo”, mesmo quem não tem muito a oferecer sempre doa alguma coisa. Essa afirmação de que o curandeiro é uma pessoa pobre e precisa daquilo que está sendo doado está presente na maioria das falas dos indivíduos que buscam as práticas mágicas de cura que tive acesso. A diferença entre esmola e ajuda é tênue, porém não se caracteriza um pagamento e muito menos esmola, pois há um serviço sendo realizado antes da doação de qualquer espécie.

Portanto seria correto afirmar a inexistência de um pagamento pelas curas, pelo menos entre os curandeiros que entrevistei, visto que não há preços fixos ou negociáveis e, principalmente, não há uma obrigatoriedade de ser realizada qualquer forma de recompensa. O que podemos tentar compreender é essa consciência coletiva de reciprocidade das práticas mágicas de cura.

---

<sup>77</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de Novembro de 2005.

<sup>78</sup> Idem.

Carlo Guinzburg em *Os andarilhos do bem*<sup>79</sup> nos fala sobre curandeiros e outros indivíduos que praticavam magia no interior da Itália durante a idade média e em relação a um pagamento para as práticas de cura, em particular. Percebe-se nas análises dos textos a fixação de um preço, negociável ou não, dependendo do curandeiro e até mesmo do infortúnio em questão. Alguns curandeiros eram acusados de serem os responsáveis por algumas doenças em certas aldeias, argumentando-se que estes criavam tantos infortúnios quanto fosse necessário para ganhar dinheiro curando os males que eles mesmos criaram. Espalhavam o mal para vender a cura. Esse parêntese se faz necessário para elucidar historicamente as relações de cura. As singularidades são claras, os curandeiros não formam um grupo homogêneo com práticas estáticas e imutáveis, podendo existir curandeiros em Morada Nova que cobrem por seus serviços, mas nos limites desse trabalho não foram encontrado esses casos.

Deve-se pensar ainda em como numa sociedade de consumo, como a sociedade capitalista, práticas tão procuradas e indispensáveis socialmente escapam a uma “mercantilização extrema”, não possuindo preços tabelados ou negociáveis, sendo constante o não-pagamento de tais serviços. As relações sociais envolvidas nas práticas de cura não buscam lucros, mas sim satisfação e poder, sendo essas práticas relações de saúde e doença diferente do hospital que possui um preço para a forma de cura oferecida. O bem estar do corpo é o fim último da cura segundo o discurso dos curandeiros .

Junta-se ao fato do uso de um dom “gratuitamente” o status social que possui um curandeiro, como já foi dito no primeiro capítulo, entende-se melhor essa falta de obrigatoriedade de um pagamento pela cura. Ora, o status do curandeiro já é, em certa medida, um pagamento da sociedade aos serviços oferecidos por eles. O status do curandeiro como possuidor “único” de vários antídotos socio-culturais concede poder aos praticantes da cura.

Há ainda, em alguns casos, a comparação do próprio curandeiro com Jesus Cristo, como por exemplo, Maria média que diz:

---

<sup>79</sup> GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII – Companhia das letras*, 1988.

Percebe-se aí como a figura de Cristo é tida como a de um primeiro e maior curandeiro, “o grande curandeiro do universo”. O exemplo de Cristo deve ser seguido, por isso não deve se cobrar pelos serviços de cura. Em uma sociedade de maioria cristã, como em Morada Nova, essa comparação ganha status além do que aparenta. Jesus aí valida as práticas mágicas de cura, pois ele mesmo é um curandeiro, o primeiro e maior de todos, justificando a cura gratuita. E ser curandeiro é de alguma forma ter um pouco da grandeza de Cristo.

## **2.2 – A formação de um curandeiro**

Em todas as minhas entrevistas com os curandeiros de Morada Nova perguntei como esses se tornavam curandeiros, e sempre estava presente em todas as respostas a “dáviva divina”, um “dom” que deve ser praticado para ajudar aqueles que necessitam. Então este “o dom” é o alicerce principal para a formação de um curandeiro na fala dos próprios, apesar de existirem outros fatores. Esse dom apesar de não ser muito bem explicado pelos curandeiros pode ser entendido como uma espécie de seleção sócio-cultural, ou melhor ainda “divina” (sagrada). Esse discurso sacraliza mais evidentemente as práticas mágicas de cura.

Existe até uma estória que muitos (praticantes e clientes dos serviços mágicos de cura) contam sobre o exercício ou não desse dom divino que é importante ser observada:

“Existia uma curandeira no interior de Morada Nova que se chamava Lúcia. Essa curandeira era considerada uma das melhores curandeiras que todos já viram. Lúcia fazia cura desde os sete anos de idade e tinha ficado conhecida por todos, até por pessoas de outras cidades que vinham só para se curar com tal curandeira. Mas com o tempo, devido ao grande número de pessoas que a procuravam, Lúcia se viu muita cansada e não mais afim de continuar curando. Depois de abandonar a cura Lúcia adoeceu nunca mais ficando boa e com pouco tempo depois morreu, as pessoas dizem

---

<sup>80</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de Novembro de 2005.

que Lúcia morreu porque não respeitou a vontade de Deus que deu para ela um dom que foi renegado por Lúcia”.<sup>81</sup>

Muitos dizem que essa estória é verdadeira, contudo, não é importante aqui perceber se essa passagem narrativa é realmente verdadeira ou não, porque a estória em si já nos mostra de alguma maneira como é dada a associação na mentalidade popular no que diz respeito a “obrigatoriedade” do exercício de cura por parte daqueles que recebem ou adquirem tal dom.

Essa passagem pode também elucidar um pouco mais como o discurso sobre os curandeiros está inserido na vida e na fala dos moradanovenses que procuram, ou que pelo menos sabem de alguém que procurou os curandeiros. A simples propagação desse caso durante o tempo denota uma continuação na mentalidade popular no que diz respeito às práticas mágicas de cura e suas simbologias. Lendas, estórias e mitos têm a função de propagar através do tempo crenças e símbolos de um determinado grupo social e esses símbolos são representações de mundos singulares.

Os curandeiros, como os próprios se classificam, são “seres” que existem para servir e ajudar os indivíduos atormentados por algum infortúnio, portanto, como a estória de certa forma elucidada, onde há a necessidade dos serviços mágico-religiosos de cura, o curandeirismo é fundamental para a manutenção da ordem e da saúde de tal sociedade e conseqüentemente tem um papel impar nas relações de saúde de um determinado grupo social que lança mão dessas práticas.

Podemos perceber ainda na trama citada acima, como o “castigo” (punição) por não seguir os caminhos que um dom divino exige está presente como meio de “coerção” para os demais curandeiros, no entanto essa “coerção” pode ser ou não absorvida por completo pelos curandeiros, pois muitas vezes estes burlam essa obrigatoriedade, adaptando a mesma a sua vontade e disposição.

Porém é preciso perceber que há uma variedade de outros fatores, os mais diversos possíveis, para a formação de um curandeiro, mas sempre associado em segundo plano, pois primeiramente está o dom socialmente reconhecido e, até certo ponto construído. No entanto, mesmo estando em segundo plano, os outros fatores que

---

<sup>81</sup>Idem.

permitem a um indivíduo ser curandeiro ou não são de suma importância, importância essa que varia de curandeiro para curandeiro.

Uma singularidade apresentou-se a mim quando fui entrevistar Seu Juarez. Chegando a sua residência, sua esposa me recebeu e ao conversarmos por alguns instantes ela afirmou que também “curava”, normalmente com Seu Juarez. Dona Maria, como é conhecida, ainda disse que na maioria das vezes ajuda seu marido nas curas “rezando”.

*“Eu comecei a curar vendo o Juarez curando, aprendi com ele.”<sup>82</sup>*

Dona Maria não fala em dom, mas também não se diz uma “curandeira” propriamente dito, afirma apenas que auxilia seu marido nas curas que este realiza, afirma ainda em seguida que “aprendeu” com seu marido, esse curandeiro conhecido na cidade, nota-se aí uma iniciação por absorção.

*“Um dia veio uma criança aqui pra curar... a barriguinha chei d’água. Mas aquela água... **Nós começemo a curar** ele, aquela água esvaziou todinha.”<sup>83</sup>*

Nessa passagem ela se refere a uma “união” com seu marido numa determinada cura, porém não fica claro qual o papel dela e de seu marido especificamente, entretanto considerando o que foi dito anteriormente pela própria Dona Maria, entendemos sua participação como uma espécie de auxílio, um “reforço na fé” ou ainda a busca de uma maior efetividade nos ritos mágicos. Outro fator interessante é o motivo pelo qual ela não se considera abertamente uma curandeira:

*“Já pensou se eu dissesse que curava também. Aqui em casa ia viver chei de gente pra curar. Aí a gente não ia ter sossego.”<sup>84</sup>*

Não parece existir na fala de Dona Maria um “campo” propício para aplicarmos uma perspectiva de gênero, há um envolvimento do casal nas curas sem uma distinção dos rituais e símbolos. Porém podemos observar outros aspectos importantes.

Considerando a estória citada anteriormente da curandeira Lúcia, mesmo percebendo certa habilidade para a cura, Dona Maria, esposa de Seu Juarez, se esquivava

---

<sup>82</sup> Dona Maria, esposa de um curandeiro. Entrevista cedida em 19 de maio de 2006.

<sup>83</sup> Idem.

<sup>84</sup> Ibidem.

do reconhecimento social de uma curandeira de fato, pois prefere preservar sua habilidade para momentos distintos ao lado de seu marido. Dona Maria burla a obrigatoriedade imposta na mentalidade coletiva sobre a cura, mas no seu caso ela não se reconhece como uma “especialista” em cura e sim uma praticante destes serviços.

Maria média a respeito do seu início nas práticas mágico-religiosas de cura afirma:

*“Eu comecei a curar com nove anos de idade... meus pais faziam era querer que eu era louca, louca. Aí fiquei boa.”<sup>85</sup>*

A idade para se começar a curar está ligada mais a experiências pessoais do que a qualquer outro fator. Dona Mariinha, de 69 anos de idade, afirma que começou a curar a pouco tempo atrás, quando recebeu a visita do espírito de Leandro, da dupla sertaneja, Leandro e Leonardo. Já pai João afirma:

*“Eu comecei a curar quando eu entrei pra umbanda.”<sup>86</sup>*

Enfim, não há uma faixa de iniciação comum entre os curandeiros.

A singularidade presente para a iniciação nas práticas de cura é clara, porém sempre está ligada ao desenvolvimento de um dom já obtido, o desenvolvimento ou o “surgimento” desse dom é quem inicia o indivíduo no universo mágico da cura.

Quando pergunto a Maria média se qualquer um pode virar um curandeiro ela me responde firme:

*“Não. Isso é um dom que a gente tem. É um dom já nasce de nascença, né. Isso a gente já nasce de nascença. E tem um livro, que a gente... tem aquele livro grande, que a gente estuda. Se não for aquele livro ou então a gente ler, nada a gente podia fazer, né. O livro é aquele livro que a gente tem de oração. Que a gente muitas vezes passa na casa da gente, mas não é outras coisa não, é livro de oração mesmo, de reza. Você não vê falar que tem os curador?”<sup>87</sup>*

E aí é interessante percebermos a existência de uma “preparação” para que um indivíduo se torne um ser com poderes mágicos de cura, por mais que seja preciso um dom socialmente reconhecido é de extrema importância, também, que este indivíduo possuidor de um dom aprenda os preceitos básicos para determinadas curas, ou do contrário, como diz a curandeira “nada a gente (curandeiros) podia fazer”. Esse livro ao

---

<sup>85</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de Novembro de 2005.

<sup>86</sup> Pai João, curandeiro. Entrevista cedida em 14 de julho de 2005.

<sup>87</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de Novembro de 2005.

qual a curandeira se refere na sua fala serve de manual para a iniciação de um indivíduo que possui um dom nas práticas mágicas de cura, sendo assim podemos considerar que existem também normas escritas, para a formação de um curandeiro, pelo menos para essa curandeira, visto que outros curandeiros não citaram fatos similares a esse. E respondendo a possível curiosidade do leitor, não, infelizmente não foi possível ter acesso a esse livro, mas é possível ter acesso aos símbolos e ritos em consequência deste por alguma coisa através da fala da Maria Média.

Logo em seguida esta mesma curandeira diz quais doenças ela já tem curado graças a esse livro:

*“Eu já tenho levantado as “lentra”, já tenho levantado gente com trombose, já tenho levantado gente com perturbação na cabeça, gente que chega lá em casa aleijado duma perna, uma dor, uma coisa, tudo eu já tenho levantado, mas primeiramente o poder de Deus. Sem Deus eu num faço nada”.*<sup>88</sup>

Para a curandeira não adiantaria ter um “dom” se somado a ele não existisse uma preparação que o permitisse ser explorado pelas práticas de cura. No entanto essa preparação não está presente de forma tão clara nas outras falas, e em algumas não há nenhuma citação a qualquer tipo de preparação ou rito de iniciação. No caso da esposa de Seu Juarez, que não podemos considerar uma curandeira, mas que merece algum enfoque visto sua “participação” nas práticas mágicas de cura, existe um aprendizado não intencional que a tornou, de maneira menos “eficaz”, capaz de participar dos ritos mágicos de cura.

Maria média se refere a sua iniciação na cura tendo ocorrido aos nove anos de idade, ou seja, antes dela ser “iniciada” em seus encantos e orações, ainda criança. Observa-se aí uma espécie de “disciplinarização” do seu dom de cura, os ensinamentos servem para uma espécie de administração do seu dom já existente.

Todos esses fatos estão envoltos num emaranhado de crenças e mitos, sejam eles religiosos ou mágicos, ou quem sabe ainda não aja uma fronteira clara que separe determinadas práticas visto que suas origens não se apresentam claramente distintas no grupo social comum a estes símbolos, pois elas coexistem no interior dos cotidiano e do extraordinário igualmente, sustentando e moldando a sociedade ao seu redor

---

<sup>88</sup> Idem.

principalmente através dos ritos, onde, segundo Marcel Mauss, as cosmovisões são compartilhadas e propagadas no meio social. As simbologias que envolvem as práticas mágico-religiosas de cura é a base de sustentação que permite a existência da cura e, conseqüentemente, a sua eficácia.<sup>89</sup>

### **2.3 – As simbologias nas curas**

*“Os símbolos afirmam-se, então, na prática como instrumentos de integração social, possibilitando a reprodução de uma ordem estabelecida sem conflitos”.*<sup>90</sup>

As simbologias envolvidas na cura são as mais variadas possíveis no que diz respeito aos mitos religiosos e mágicos, porém mesmo possuindo uma amplitude simbólica extensa muitas dessas simbologias seguem uma lógica social já “pré-concebida”, a sociedade possui símbolos não necessariamente religiosos ou mágicos que estão impressos na cura e nos curandeiros (podemos perceber isto através das práticas médicas oficiais que transformam as curas de acordo com as necessidades), acontecendo até, como observa Mauss, uma construção social de todos os símbolos e práticas pelo grupo social circundante, isto é, os símbolos da cura mantêm uma ordem social já estabelecida que precisa ser respeitada para a eficácia das práticas mágicas. Entretanto, como afirma Vilma Maria do nascimento em *Diálogos com a natureza em práticas de cura*, é possível que haja re-significações de práticas e mitos. E algumas dessas re-significações são identificadas na fala de Seu Juarez ao afirmar que “*na falta de alguma planta específica para uma determinada cura que deve ser feita com ‘aquela’ planta, pode ser utilizada outra qualquer, contanto que esta esteja verde.*”<sup>91</sup> Neste caso o objeto para a cura é um galho de peão verde, porém segundo o curandeiro, esse galho de peão pode ser substituído por qualquer outra planta, contanto que esteja verde.

Como todas as relações sócio-culturais, a cura não é algo imutável, ao contrário, ela se adapta muito bem aos interesses e as especificidades do grupo e até mesmo do indivíduo, por mais que existam pré-disposições sócio-culturais que validam e permeia a cura há sempre re-significações dessas práticas. Há uma ordem social estabelecida que

---

<sup>89</sup> MAUSS, Marcel in PEREIRA, José Carlos, a magia nas intermitências da religião e Marcel Mauss, esboço de uma teoria geral sobre a magia.

<sup>90</sup> BOURDIEU, Pierre in PUTTINI, Rodolfo Franco, curandeirismo e o campo da saúde no Brasil, p. 2.

<sup>91</sup> Seu Juarez, curandeiro. Entrevista cedida em 19 de maio de 2006.



deve ser respeitada, mas como observa Mauss é possível dentro do ambiente privado o surgimento de novos ritos e símbolos. Não há um cancelamento entre “pré-definições” sócio-culturais e re-significações de símbolos, mas sim uma espécie de “releitura”. Para Mauss o espaço religioso do grupo social é em grande parte “responsável” pelas ofertas dos serviços mágicos, e nesse caso inclui-se a cura.<sup>92</sup> A experiência religiosa organiza o sagrado e seus mitos e símbolos numa disposição que permite (ou não) a utilização e os limites da magia, no caso de nossa realidade sul-americana, como já foi dito anteriormente, essa experiência religiosa se mostra peculiar devido aos muitos mitos e símbolos originados das várias culturas habitando o espaço sul-americano.

Seu Juarez, sobre esse assunto, afirma que certa vez quando doente da perna esquerda logo depois de ter ido ao médico e não ter resolvido seu problema, criou um remédio que o curou. Ora, a criação de um remédio para determinada cura é sem dúvida um bom exemplo da re-significação a partir de crenças comuns do grupo envolvido de símbolos e práticas para atender as necessidades individuais. A utilização dos símbolos de outras curas auxilia e pode até substituir outros ritos antes necessários.

Dois pontos interessantes surgem nesse trecho. Primeiro, podemos perceber que algumas vezes os curandeiros praticam a cura em si mesmo, o que nos leva a uma primeira percepção deste fato como uma espécie de “automedicação”, porém não há regras sanitárias ou de qualquer outra natureza que os proíba de tal prática, como existe na medicina oficial, o curandeiro como o especialista nos serviços mágicos possui as ferramentas necessárias para re-significações e a eficácia dos serviços em si mesmo demonstra capacidade de eficiência social. Ainda há também uma disposição em algum nível do curandeiro sofrer das enfermidades que trata, não estando ilesos às forças mágicas de doenças e males, apesar de serem especialistas mágicos, assim como um médico está sujeito a qualquer doença o curandeiro parece estar exposto aos infortúnios, porém esses limites parecem tênues.

Há ainda na fala de Seu Juarez um ponto curioso, o curandeiro afirma que antes de fabricar o remédio que o curou ele buscou auxílio médico para a dor que estava sentindo sem sucesso nesta procura. Ora, se para o próprio curandeiro a cura muitas

---

<sup>92</sup> MAUSS, Marcel in José Carlos Pereira, a magia nas intermitências da religião e Marcel Mauss, esboço de uma teoria geral sobre a magia.

vezes está em segundo plano, visto que este procurou um médico antes de lançar mão de práticas mágicas, podemos pensar que algumas pessoas que procuram os serviços mágicos de cura também comunguem de tal idéia. Entre as pessoas que conversei a maioria não descarta em nenhuma espécie de doença a possibilidade da cura na medicina oficial ou no curandeirismo, essas pessoas acreditam que ambas se complementam, e não se anulam. Em muitos casos, segundo essas pessoas que lançam mão das práticas mágicas de cura, a procura por um ou outro tipo de prática está ligada a muitos fatores, como os sintomas, a acessibilidade e, principalmente, a “fé” (crença no sucesso) em ambas.

Na mentalidade popular e entre alguns estudos etnocêntricos que tive contato durante a pesquisa deste trabalho o curandeiro é sempre aquele que usa alguns galhos de determinadas árvores para curar um determinado indivíduo e etc., numa ‘homogeneidade’ não compatível com a realidade. Durante essa pesquisa percebi que alguns curandeiros se utilizam de outras formas e simbologias para exercer a prática de cura, e os galhos que são classificados de forma generalizante para todas as curas possuem um sentido para determinadas curas, não para todas. Um exemplo é Pai João, que utiliza uma pequena cruz em vez dos galhos que estamos acostumados a ver. E quando eu perguntei por que ele usa a cruz e não outros objetos como os galhos de árvores que estamos acostumados a ver, ele me responde prontamente com um tom que circunda uma “observação” pela má colocação da questão:

*“Isso não é importante, importante é a cura ...”<sup>93</sup>*

As experiências pessoais parecem falar por si só no silêncio de Pai João, não há, pelo menos para o curandeiro, uma explicação lógica para o uso da cruz em suas curas, ele apenas usa-a. Entretanto há uma série de fatores simbólicos que podem estar por traz dessa utilização da cruz nas curas de Pai João. Uma dessas possibilidades reside no fato de que este curandeiro sendo umbandista encontra na ação de transformar a cruz em uma ferramenta mágica uma maneira socialmente reconhecida de afirmação da sua crença católica (pois este curandeiro também se considera católico), visto que a

---

<sup>93</sup> Pai João, curandeiro. Entrevista cedida em 14 de julho de 2005.

mentalidade popular impregnada em seus clientes é maciçamente católica, possibilitando que sua prática mágica expanda-se.

Já para Maria média existem algumas regras que precisam ser seguidas, e essas regras estão em um livro de formação de um especialista mágico que já foi citado anteriormente. Para a curandeira a cura se dá na maioria das vezes através da vela branca de sete dias, mas não sempre, existem algumas doenças que são curadas com três galhos de peão, por exemplo, e outras não precisam nem de adereços, só a reza já é suficiente. Para Mauss, todos esses adereços, seja a vela, a cruz ou os galhos, não têm eficácia sem as palavras que os acompanham no ritual de cura, são elas que dão o encantamento aos adereços, ou seja, os objetos são espécies de condutores do encanto produzido pelas palavras, mas sem esses adereços a magia não se realizaria pois não encontraria um “veículo” de transmissão ao fim almejado. Portanto todas as etapas e todos os objetos da cura são necessários para a realização e a eficácia da mesma.

Ainda falando dos “encantos” aos quais se referem Maria média, temos aqui um desses encantos que possui como objetivo final a cura para o quebrante (uma espécie de contaminação social de maus sentimentos e desejos por parte de alguns indivíduos que têm contato com o vitimado), recitado pela própria curandeira:

*“Meu Jesus de Nazaré do reino dos judeus livrai-te e defender-te pro mal não te tingir’. Deus pai te acompanhe. Jesus Cristo dê a luz. No santíssimo sacramento, o grande nome de Jesus. Jesus chegou empera com seus galhos de ramo bento, chamando os seus curador para levantar seus filhos. Aquele que se acha doente Jesus alevantará. Com uns três galhos de ramo Jesus Cristo curará”.*<sup>94</sup>

O quebrante é uma das doenças que a curandeira afirma curar. Maria média diz curar também outros males, seja a trombose, engasgo, perturbação, asma, as “lentra” (que seria uma espécie de depressão segundo a própria curandeira), mau-olhado, etc. “A pessoa chegou lá em casa, ficou boa”, afirma a curandeira.

Os três galhos de peão que a curandeira em um dado momento diz ser preciso para fazer determinadas curas aparecem na oração acima reproduzida, ou como ela mesma classifica, “reza”, validando mais ainda a sua prática com os mesmo três galhos, visto a mentalidade popular católica já citada que abrange quase que totalmente os

---

<sup>94</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de Novembro de 2005.

clientes dos serviços mágicos de cura em Morada Nova observados no espaço deste trabalho.

Um fator importante já observado e que deve ser lembrado nas considerações feitas é o de que a cura aqui estudada tem uma forte tonalidade religiosa, pois a cura não será eficaz se Deus (catolicismo) não a permitir ou mesmo produzi-la, como é colocado acima por Maria média. Os ritos mágicos sem o “consentimento” (reforço) divino-religioso necessário para os tornarem também sagrados na cura aqui apresentada, nada valem. A religiosidade popular, mais especificamente o catolicismo, valida o que a entidade religiosa nega, a magia. Ambas as práticas, diferente do que esperaríamos do contato da matéria com a anti-matéria, não se anulam ou se opõe, se completam. Utilizando as análises de Paula Eleta podemos verificar também no caso das curas em Morada Nova um sincretismo que nos remete a história dos muitos povos que criaram o Brasil. Ora, é fácil perceber práticas indígenas na cura, através das plantas e outros meios, a crença no cristianismo, “validando” a cura com determinados símbolos ou personagens (como santos) cristãos e não-cristãos e também as concepções mágico-religiosas dos negros africanos.

Em alguns encontros com os curandeiros de Morada Nova percebi várias “tendências” diferentes no que diz respeito às práticas de cura. Um desses curandeiros, já citado anteriormente, conhecido como Pai João, lança mão da umbanda para conseguir atingir o objetivo da cura, porém não só há símbolos da umbanda em seus rituais de cura. Quando perguntei se ele era umbandista ele me respondeu que sim, mas imediatamente afirmou que todo domingo ia a missa e orava como qualquer católico: “Sou católico e umbandista”, respondeu. Para nós é de extrema dificuldade imaginar como duas crenças aparentemente tão distintas (a umbanda e o catolicismo) podem estar entrelaçadas em uma mesma prática e ser, tanto socialmente reconhecida, visto que esse curandeiro é um dos mais procurados da cidade, morando em uma das ruas principais de Morada Nova, quanto possível de ser contida em uma só pessoa numa mesma forma de crença. Não bastasse a diferença que as duas entidades religiosas já possuem para separá-las como pontos distintos de crenças, ainda existe o fator social que sempre oprimiu no discurso oficial os praticantes da umbanda, porém são esses mesmos indivíduos que supostamente compartilham da crença de “condenação” à

umbanda como forma de mal social, genericamente reconhecida como “macumba”, são estes indivíduos que lançam mão constantemente dos serviços mágicos de cura do Pai João. Outro fator que merece ser analisado é o de que esse curandeiro, que utiliza práticas da umbanda, afirma que algumas pessoas que o procuram buscam também se curar de algum “encosto” (encosto seria, segundo o próprio curandeiro, um espírito, conhecido da pessoa enferma ou não, que se aproximou demais e que agora está prejudicando-a), e essas pessoas são as mesmas que em uma roda de conversa qualquer chegam mesmo a condenar os chamados “macumbeiros”, que no caso são os praticantes da umbanda. Assim como na fala de Maria Média há um tratamento a ser executado em indivíduos que sofrem em consequência de algum “ser sobrenatural” (espírito, alma).

Já para Maria média a cura é feita através de encantos que não estão ligados necessariamente a uma religião, “eu tenho os encantos”, afirma a curandeira se referindo à forma com a qual consegue a cura. A curandeira se diz católica, mas que possui um “terreiro” (“terreiro”, entre a mentalidade popular, é onde se pratica a “macumba”, que seria, na mentalidade popular, mais ou menos a mesma coisa que a umbanda), no entanto ela faz questão de explicar que o terreiro o qual ela se refere não é o mesmo da umbanda.

Um exemplo de que para alguns curandeiros a cura está diferentemente interconecta com uma dada religião e diferentemente introduzida nas práticas mágicas de cura é a produção dos “remédios” de Maria média e Seu Juarez. Para a fabricação desses remédios, segundo o curandeiro e sua esposa, na maioria das vezes são necessárias plantas que não possuem obrigatoriamente relação com nenhuma religião ou rito/mito religioso, como por exemplo, para se curar da trombose, que é feito através de “nove rapas do juá” que segundo explicação do curandeiro não há evidências de símbolos religiosos nessa prática.

Como em qualquer prática mágica, na cura é preciso um ritual eficiente e socialmente reconhecido como tal para que haja o sucesso almejado. Entre os curandeiros de Morada Nova as práticas desses rituais são bastante variadas funcionando numa rede simbólica que possui especificidades próprias da sociedade

inserida, mas também possui similaridades com outras observações já expostas. Como foi colocado acima, alguns curandeiros se utilizam da umbanda, outros não, e assim vão formando uma gama bastante ampla de possibilidades diversas que se equivalem e toda essa pluralidade permite aos clientes mágicos um leque de escolha cada vez mais amplo e eficaz.

## **2.4– Natureza e cura**

*“A abordagem gestáltica que considera o indivíduo uma função do campo organismo-meio e que considera seu comportamento como reflexo de sua ligação dentro deste campo dá coerência a concepção do homem tanto como indivíduo como ser social.*

*Desde que o indivíduo e o meio são meramente elementos de um único todo, no campo nenhum deles pode ser considerado responsável pelas doenças do outro, mas ambos estão doentes.”<sup>95</sup>*

Segundo João Ribeiro Jr.<sup>96</sup> o pensamento mágico percebe o homem sendo a natureza tanto quanto o que lhe é externo, já para Mauss<sup>97</sup> a natureza é tudo aquilo que possui significados simpáticos, porém a concepção de natureza pode ser mais ampla. Neste sentido mágico da natureza podemos pensar que os serviços de cura sempre estarão ligados a natureza, pois esta habita o espaço simbólico necessário para todo tipo de prática mágica. Porém a natureza vista e pensada como uma espécie de reino “não-humano” (vegetal) possui especificidades dentro do universo da cura.

A religiosidade pós-moderna proporciona questões complexas e contraditórias, essas questões podem ser observadas, salve as singularidades regionais, também no espaço aqui pesquisado que se convém classificar como zona urbana do município de Morada Nova, Ceará. As transformações na realidade religiosa e mágica da América latina são percebidas também nas ofertas dos serviços de cura em Morada Nova<sup>98</sup>. Ao passo que temos uma oferta e procura bem maior do que tínhamos anteriormente no período classificado de modernidade também se percebe uma “dessacralização” ou um desencantamento da natureza como houve no período anterior. Como assevera Eleta a

---

<sup>95</sup>PERLS, Frederick S., HEFFERLINE, Ralph e GOODMAN, Paul. Gestalt-terapia. São Paulo, 1997

<sup>96</sup> JUNIOR, João Ribeiro. O que é Magia, 1985.

<sup>97</sup> MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia, 2003.

<sup>98</sup> Ver Paula Eleta, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul.

experiência pós-moderna da religião e conseqüentemente da magia é dotada de pragmatismos que a sacralização não proporciona, isto é, há nos dias atuais uma aproximação do sagrado ao cotidiano descaracterizando em boa medida o teor sagrado de mitos e ritos, principalmente católicos. Porém podemos observar também uma “nova sacralização” da natureza mágica e religiosa, onde há sempre uma busca pragmática das noções de sagrado (mágica). O desencantamento da natureza na sociedade contemporânea é evidenciado cada vez mais pelo agressivo combate atual aos maus tratos sofridos pelo meio ambiente, ou seja, o aumento das ofertas dos serviços mágicos não superou o conceito da ciência cartesiana de manipulação da natureza a qual todos estamos fadados. A natureza continua sendo pensada e tratada apenas como fornecedora de matéria prima, isso ocorre mesmo observando uma crescente utilização “sagrada” dos recursos naturais através de práticas mágicas.<sup>99</sup>

*“A cisão entre natureza e cultura que, em última instância, fundamenta a cosmologia ocidental não explica mais adequadamente a organização do mundo (Descola, 2001). As questões ecológicas se a preocupação com a preservação do meio ambiente são reveladoras de que a natureza não pode ser concebida como uma realidade à parte. Abalam a pretensão do homem de ocupar um lugar de ser superior no universo, destinado a exercer um ilimitado controle sobre os fenômenos naturais, como defenderam com veemência os precursores da ciência moderna. Para estes, o universo se constituía de propriedades matemáticas, cuja descoberta e compreensão só seria possível por meio do intelecto e do saber científico, o que implicou a negação dos sentidos e, sobretudo, do pensamento mítico. Tal procedimento era justificado como condição necessária para se alcançar o conhecimento racional, objetivo e verdadeiro do mundo real (Leví-Strauss).*

*Caracterizada por uma visão profundamente etnocêntrica do mundo, a ciência moderna transformou radicalmente a relação do homem com a natureza. Na medida em que o desenvolvimento do conhecimento científico acalentou o sonho de exercer um controle total sobre os fenômenos naturais, as potências da natureza deixaram de ser percebidas como sacralidades. No universo desencantado pelo saber científico e instrumental, os fenômenos naturais perderam sua aura sagrada, não sendo mais vistos como uma manifestação de uma realidade superior. A natureza perdeu, então, a condição de ambiência encantada, caracterizada pela presença do misterioso e do extraordinário (Eliade, 1996). Esse processo de dessacralização do universo é vinculado e solidário com outras mudanças, tal como a emergência da civilização urbano-industrial para a qual a natureza se constitui exclusivamente em fonte de matéria prima.”<sup>100</sup>*

---

<sup>99</sup> ELETA, Paula, O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul

<sup>100</sup> JÚNIOR, Gerson Augusto de oliveira. A natureza encantada dos tremembé, Propostas alternativas/IMOPEC, 2002

Percebendo a natureza como essa ligação do grupo social a algo mais amplo do que o simples reino vegetal e animal pode-se entender melhor a utilização da natureza nos serviços mágicos de cura, pois o encantamento da natureza auxilia o encantamento dos demais mitos e ritos das práticas de cura. Segundo Mauss a natureza é detentora por excelência das ferramentas e dos poderes mágicos utilizados em praticamente todas as sociedades que lançam mão da magia, inclusive o grupo social ao qual estão inseridos os curandeiros de Morada Nova.

*Godelier (1981) esclarece que as realidades sociais agregam elementos materiais e ideais, de modo que as ações dos homens sobre o meio ambiente são essencialmente balizadas pela maneira como a natureza é concebida, representada e apropriada no processo do trabalho. Além disso, considerando que a cosmovisão do homem moderno não contempla a compreensão e o respeito à parte invisível do real, e que, na sua concepção de mundo as representações da natureza presentes nas culturas não ocidentais são percebidas de maneira etnocêntrica como irracionais, o autor adverte sobre o sentido que tais representações emprestam aos comportamentos e intervenções dos indivíduos sobre o meio ambiente:*

*A percepção social de um meio não consta unicamente de representações mais ou menos objetivas e exatas das compulsões do funcionamento dos sistemas técnico-econômicos, mas que está igualmente composta por juízos de valor (positivos, negativos ou neutros) e de crenças fantasmáticas. Um meio tem sempre dimensões imaginárias. Em alguns casos é o lugar da existência dos mortos ou a morada das forças sobrenaturais benignas ou malignas que se supõem controladoras das condições de reprodução da natureza e da sociedade. Tais representações dão sentido a certos comportamentos e a intervenções sobre a natureza que para um observador ocidental podem parecer totalmente irracionais. A terra não é unicamente um solo mais ou menos fértil, nem o gado, carne leite ou couro, ou as árvores madeiras e frutos. (Godelier, 1981, p. 55).”<sup>101</sup>*

A relação da cura com a natureza não é “obrigatória”, ou generalizante entre os curandeiros entrevistados, porém é possível perceber essa relação na maioria dos praticantes de tais serviços.

Existem plantas que para determinado curandeiro é de extrema importância para a realização da cura, já para outro, essa planta pode não ser tão importante assim, podendo ser até mesmo substituída por uma outra planta qualquer, “contanto que esteja verde”.<sup>102</sup>

*“Leff (2001), por sua vez, assevera que toda formação social está fundada em sistemas de valores e princípios que norteiam as formas de apropriação e transformação*

---

<sup>101</sup> Idem

<sup>102</sup> Seu Juarez, curandeiro. Entrevista cedida em 19 de Maio de 2006.



*social da natureza. Nas sociedades tradicionais, suas práticas produtivas estão intimamente relacionadas com processos simbólicos e religiosos que estabelecem normas que orientam a ação dos indivíduos sobre o acesso e manejo dos bens comuns da natureza.”*<sup>103</sup>

A relação dos curandeiros com a natureza em Morada Nova possui suas especificidades, pois são criadas simbologias dentro de um espaço simbólico tantas vezes quanto for necessário.

Precisamos pensar primeiro na natureza a qual estamos nos referindo, pois a partir dessa natureza, práticas e símbolos podem ser re-significados. Essa re-significação passa primeiro por um reconhecimento social, o que na maioria das vezes ocorre sem nenhum percalço, pois o curandeiro é o especialista em ervas e curas, sendo assim quem busca as práticas mágicas de cura crê na eficácia e na competência do curandeiro, por isso este possui um “poder” simbólico designado pela tradição que o permite re-significar adereços e tudo mais que entender como necessário.

Em fim, podemos pensar que esta re-significação está de certa forma limitada a natureza a disposição do curandeiro. É inconcebível pensar que o peão necessário para curar um indivíduo do quebrante seja substituído por galhos de macieira por exemplo, pois dentro das condições “naturais” (vegetais) do espaço onde a cura está sendo realizada, no caso o município de Morada Nova, não há possibilidades de encontrarmos macieiras.

Entretanto a classificação do que seria “natureza” no universo mágico da cura precisa ser delimitada, pois tudo o universo mágico se envolve em alguma natureza. Segundo Eliphas Levi<sup>104</sup> a magia só é eficaz porque ela consegue penetrar na natureza, fazer parte da natureza é fator essencial para o sucesso da magia.

Natureza aqui seria o que podemos chamar de reino vegetal, a utilização desse reino nas práticas mágicas de cura e suas simbologias e ritos.

As plantas possuem significados simbólicos muitas vezes esguios com relação ao seu surgimento. Os galhos de peão utilizado por Maria Média não são explicados dentro

---

<sup>103</sup> JÚNIOR, Gerson Augusto de oliveira. A natureza encantada dos tremembé, Propostas alternativas/IMOPEC, 2002

<sup>104</sup> LEVI, Eliphas. Dogma e ritual de alta magia. Rider & Company, Inglaterra, 1896. Transcrito e convertido Adobe Acrobat por Benjamim Rowe, junho, 2001.

da fala da curandeira, segunda esta a utilização dessa espécie de planta se realiza porque assim ela foi instruída pelo seu mestre Fernando, no Maranhão. Ou seja, os símbolos sociais para a utilização de plantas nas curas, em especial na fala de Maria Média, surgem e somem sem haver necessariamente um início certo ou uma justificativa para isso.

### **2.5 – A eficácia da cura na “fé persuasiva”**

A fé é fundamental para o sucesso da cura, e esta afirmação está presente em algum momento em todas as falas dos curandeiros que entrevistei. Segundo esses curandeiros não há a cura de fato se o paciente e o curandeiro não possuem em conjunto a fé capaz de dissipar o mal que aflige um indivíduo. Contudo é sempre mais citada a falta de fé do paciente para o insucesso de uma cura do que a falta de fé do curandeiro, pois o curandeiro já é um ser que traz em si a fé ou a capacidade simbólica da eficácia.

A fé “utilizada” nos serviços mágicos de cura então pode suscitar uma pergunta em que a resposta, se é que existe uma resposta fixa e homogenia, não parece habitar a fala dos curandeiros durante a composição deste trabalho: A fé também serve como meio de manipulação da natureza para a realização do objetivo final (a cura)? Se a resposta for sim, a própria fé pode ser considerada um meio ou ferramenta mágico-religiosa utilizada pelos serviços mágicos de cura. Se a resposta for não nos defrontamos com uma situação insidiosa e em algum momento insólita.

Sobre este tema afirma seu Juarez:

*“Precisa ter. Sem fé não fica boa...a pessoa não fica boa”*<sup>105</sup>

Mesmo se utilizando de outros meios para alcançar o fim desejado os curandeiros reafirmam a impossibilidade de cura em um indivíduo sem fé. A fé é a ponte principal que liga e comporta nas andanças do destino cruel que nos cerca a magia e a religião, num trânsito de mão-dupla.

Sobre o mesmo assunto outros curandeiros, como Maria média afirmam:

---

<sup>105</sup> Maria Estela do Nascimento Vieira, curandeira. Entrevista cedida em 19 de Maio de 2006.

*“Teve um que chegou atrasado... que não acreditava... Aí quando me procurou já tava sem jeito... Precisa ter fé.”<sup>106</sup>*

Para Maria média existe um limite da doença para a cura poder surtir algum efeito, e esse indivíduo (meu tio avô), por não acreditar acabou não indo lá a tempo, morrendo logo depois de ter ido a curandeira na fase terminal da doença. A curandeira afirma que seria possível curá-lo se esse tivesse procurado-a a tempo.

A ciência, mais precisamente a psicologia utiliza o termo “efeito placebo” para interpretar a capacidade que um paciente tem em curar-se utilizando sua própria força de vontade, se é a fé com outras palavras não importa, cabe perceber que há sim uma interferência do “imaginário” no “real”, transformando-o.

Sobre esse assunto cabe um parágrafo para pensarmos na possibilidade dessa “fé” ser tão real quanto tudo o que nos cerca e parece fisicamente palpável. A neurofisiologia contemporânea juntamente com a física quântica e outras ciências acreditam ter encontrado “provas” matemáticas sobre a interferência criadora do sujeito sobre o universo, inclusive sobre ele mesmo, visto que para essa teoria somos o universo em expansão. Segundo essa “nova” teoria o observador é quem define onde e como a realidade acontece (falo de uma realidade subatômica), sendo possível a “superposição” de espaço e tempo do que julgamos real (partículas), ou seja, é possível deslocar partes importantes da matéria num determinado “universo” com a “observação consciente”, podemos adquirir experiências e até a própria realidade do passado ou do futuro. Assim sendo a fé poderia ser entendida também como veículo para essa abstração construtiva, muito embora as construções simbólicas prevaleçam nesse trabalho.<sup>107</sup>

Sobre a fé nas práticas mágicas de cura Pai João afirma:

*“A fé faz tudo.”<sup>108</sup>*

---

<sup>106</sup> Maria média, curandeira. Entrevista cedida em 23 de Novembro de 2005.

<sup>107</sup> As interpretações quânticas da realidade subatômica baseadas em muitos estudos durante o final do século XX e início do século XXI comprovam a influência espaço-temporal das partículas através da observação feita em laboratórios de partículas que compõe toda a matéria existente no universo, principalmente os elétrons que possui cargas de energia. Sobre este assunto ver os documentários Mind Walk e Quem Somos Nós? Ainda os livros Ponto de mutação do físico Frijot Capra e Uma breve história do tempo de Stephen Hawking.

<sup>108</sup> Pai João, curandeiro. Entrevista cedida em 2005

Enfim, fica claro nas falas dos praticantes de cura em Morada Nova a importância mestra da fé nas práticas de cura. Porém percebe-se que não há amarras que demonstre significativamente um sentido único a fé em questão, pois no mundo dos indivíduos que lançam mão dos serviços mágicos de cura, entre o universo religioso e o mágico não parece haver fronteiras, ou se elas existem há uma diplomacia bastante flexível que as permite transitar num mesmo espaço livremente.

Em todos os discursos está presente a fé como sendo a principal responsável pelo sucesso ou não da cura, essa fé pode ou não está ligada a uma religião, dependerá do paciente e do curandeiro. Entretanto o universo da cura observado nesse trabalho é composto na grande maioria pelo catolicismo popular e as relações mágicas na cura passam por esse reconhecimento público dos símbolos com significados católicos, outros poucos que ultrapassam esses símbolos cristãos estão caracterizados como uma ferramenta mágica a mais de manipulação da realidade.

Existem, porém, alguns casos em que o discurso religioso habita o mesmo espaço que o discurso mágico, como sendo responsável, também, pelo sucesso da cura.

Ao afirmar que a fé é o principal instrumento da cura, os curandeiros não tiram dos encantos e adereços a importância também vital para o sucesso desta, pois como já foi dito há uma rede de símbolos, mitos e crenças nos serviços mágicos de cura.

*“Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro. na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam à cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam às relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.”<sup>109</sup>*

A fé (ou o espaço simbólico sagrado da religião) é de alguma forma eficaz tanto quanto a magia, porém o sucesso dessas práticas e crenças depende das combinações sociais e culturais evidenciadas por Leví-Straus na citação acima.

A combinatória dos aparentes antagonismos entre “sagrado” (fé ou religião) e “profano” (magia), sendo concepções “inconstantes” posto a dinâmica social pós-

---

<sup>109</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude, O feiticeiro e sua magia, p. 02.

moderna, é o que permite a eficácia dos serviços mágicos de cura. Segundo Marcel Mauss a magia pode pertencer ao campo do sagrado tanto quanto a religião.<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> MAUSS, Marcel in José Carlos Pereira, a magia nas intermitências da religião e Marcel Mauss, esboço de uma teoria geral sobre a magia.

## **III capítulo**

### **Século XXI: O novo já nasce velho!**

*Quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações?*  
Italo Calvino

Muito já foi observado nesse trabalho de como numa sociedade racionalista e extremamente tecno-científica como a nossa (algumas vezes essa cosmovisão foi somada aos conceitos religiosos monopolizantes), parece-nos muitas vezes inconcebível que práticas mágicas (chamadas “antigas” ou pré-rationais) e práticas racionais (modernas) caminhem lado a lado. No entanto esse caminhar não pode ser visto de forma tão pacífica, pois não o é. Os antagonismos entre essas práticas são muitos e especialmente complexos, porém, essa “parcial incompatibilidade” não as anula de uma coexistência mútua por definitivo. Em fim, sobre isso já foi dissertado bastante nesse trabalho e percebe-se que a oposição entre magia e ciência pode existir apenas para aqueles que tentam separá-las.

Ruben Alves<sup>111</sup> defende que a religião é o ópio do povo (Marx), uma psicose coletiva (Freud), um sonho da mente humana (Feurbach) e resposta das condições de existência do homem (Durkheim). Alves se utiliza de vários estudos da religião para reafirmar que a mesma é tudo o que se afirmou até agora sobre ela e mais ainda, que podemos ou não afirmar posteriormente. As teorias utilizadas por Ruben Alves parecem ser antagônicas e, teoricamente falando são, porém todas essas teorias estão dadas dentro do universo psico-socio-cultural das sociedades em variadas condições no tempo, no espaço, etc., e estas sociedades se utilizando do potencial evolutivo do homem de absorver e transformar a realidade têm a (in)capacidade de não possuir a mesma racionalidade objetiva do pensamento tecno-científico e de suas teorias.

Essa visão mais ampla dos variados sentidos da religião é de extrema importância, na análise de Ruben Alves, para qualquer estudo sobre o assunto, pois não concebe a religião como forma de manifestação estruturante nenhum tipo de designação

---

<sup>111</sup> ALVES, Ruben. O suspiro dos oprimidos, 1999.

prematura. Tento utilizar essa visão não homogênea quando observo as práticas mágico-religiosas de cura, visto a forte ligação religiosa que permeia os ritos e mitos na cura utilizarei também algumas observações da medicina oficial para dissertar essa parte final do trabalho.

Perceber os símbolos e a fé nos rituais de cura não é só observar o que está dito, mas também o que foi ocultado, muitas vezes os sentidos das práticas mágicas de cura são dados por relações pessoais, onde não há uma “explicação” óbvia para essas. Como por exemplo, quando Pai João afirma que faz as curas com uma cruz porque simplesmente assim a concebe, não havendo uma razão pré-concebida para isso. Em muitas das falas dos curandeiros observam-se respostas nas entrelinhas do que é silenciado, tão ditas quanto as pronunciadas.

Acreditar no médico e em sua medicina é ter “fé” na sua eficácia; o improvável, o incerto existe tanto para os curandeiros quanto para os médicos. "Se não há respostas mágicas para as contradições da existência, estas estão em movimento, e esse movimento pode criar respostas, também em movimento." <sup>112</sup>

Para terminar, uma rápida observação da percepção, ou melhor, das percepções, visto a variedade de crenças e conhecimentos que cercam os grupos dos curandeiros na sociedade ocidental do século XXI, em especial Morada Nova - CE.

### **3.1 – Do curandeiro ao médico**

"A dificuldade não está em se transcrever (traduzir) de uma língua para outra - mas transportar uma visão de mundo para outra visão de mundo." Tobie Nathan (2001).

A ida ao curandeiro é a busca pelo equilíbrio que, de alguma forma, foi perdido, no caso das práticas de saúde o restabelecimento do equilíbrio se dá através da saúde do corpo dos indivíduos e da sociedade. O indivíduo que busca os serviços mágicos de cura crê na sua eficácia, por isso ir ao curandeiro é buscar o que de alguma forma foi “comprovadamente” tido como eficaz, pois como coloca Marcel Mauss a tradição é o principal meio que leva os indivíduos às práticas mágicas, provando assim a sua eficácia simbólica e também real. A comprovação no caso da cura está relacionada com as

---

<sup>112</sup> MORIN, Edgar. Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo, 1999. p. 190.

experiências pessoais dos indivíduos (tradição) que procuraram serviços mágicos de cura e alcançaram seus objetivos. Segundo várias pessoas que conversei e que admitiram já terem procurado em algum momento os serviços de algum curandeiro e preferiram não ter seus nomes citados, o que comprova a eficácia da cura são os casos de sucesso alcançado graças à cura comungados nos mitos sociais comuns. “Tem gente que vai ruim e volta bonzim”, afirma uma senhora que já levou uma de suas filhas ao curandeiro.

A saúde é o equilíbrio do corpo, a doença é a quebra desse equilíbrio. Assim sendo, podemos pensar que a ida ao médico possui o mesmo fim dos serviços mágicos de cura, os meios para readquirir esse equilíbrio é que são diferentes nos símbolos, ferramentas e indivíduos, mas o objetivo é o mesmo em ambas as práticas de saúde, restabelecer a ordem perdida.

*“Auxílios oferecidos por figuras como o psicólogo, o médico, o padre estão muitas vezes também presentes, ou às vezes são postos de lado (sem no entanto serem de todo descartados para outros eventuais sofrimentos).”<sup>113</sup>*

Considerando-se que o fim é idêntico não só na cura e na medicina como também nos “auxílios” oferecidos por sacerdotes e psicólogos, observa-se um ponto que justifica a dissociabilidade de ambas as práticas (principalmente os serviços de cura e a medicina oficial) para muitos dos indivíduos que são atingidos por essa perda de equilíbrio e que, conseqüentemente, procuram por serviços mágicos de cura ou serviços médicos. A lógica cientificista que julga e valida a medicina não anula a lógica que valida a cura e vice e versa, pelo menos não no âmbito do cotidiano pragmático de algumas sociedades, pois a comprovação destas duas práticas ditas antagônicas passa, antes de tudo, por experiências pessoais comuns num dado meio sócio-cultural, apesar da medicina ter um pronunciamento oficial enquanto sua eficácia há uma dispersa rede simbólica que habilita os serviços mágicos de cura.

Ao ir num determinado curandeiro os indivíduos que lançam mão dessas práticas tradicionais esperam por alguma “elucidação” que valide socialmente a prática de cura, pois essa explicação designa como e porque a cura funciona, apesar de como assevera

---

<sup>113</sup> ELETA, Paula. O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul. p.132.



Mauss, não parece haver limitações explicitamente cognitivas para o entendimento de determinados fatores simbólicos no universo da magia e suas práticas. Algo semelhante acontece quando esses indivíduos procuram um médico, saber se o que os atinge é uma gripe ou outra doença qualquer é importante para conhecer o próprio corpo e o desequilíbrio que os atinge, e principalmente para saber por que estão indo ao médico. Porém, em muitos casos, os indivíduos que lançam mão das práticas mágicas de cura já têm de alguma forma um diagnóstico do infortúnio que o atinge.

*“Tem gente que chega aqui já sabendo do que tem aí a gente só faz rezar praquela doença”<sup>114</sup>*

Ir ao curandeiro e não se sentir satisfeito é comum, a fala de Seu Juarez confirma esta afirmação: “...há algumas doenças que os médicos não curam, como tem doenças que os curandeiros também num consegue curar”.<sup>115</sup> A satisfação é sinônimo de eficácia nesse caso e, segundo Mauss em todos os grupos sociais que lançam mão da magia.

Segundo alguns curandeiros, e algumas pessoas que já utilizaram os serviços de cura, alguns médicos reprovam abertamente a prática da cura em Morada Nova. Seu Juarez afirma que é comum os médicos da cidade olharem a cura como uma prática inválida no tratamento de alguma enfermidade.

No entanto isso não chega a afetar de forma direta e profunda a crença dos indivíduos que procuram pelos serviços dos curandeiros de Morada Nova. Na verdade a grande maioria já conhece o discurso oficial médico, todos os habitantes da cidade de Morada Nova possui acesso, por mais precário que seja, aos padrões médicos e suas cosmo visões, porém as práticas cotidianas parecem transgredir qualquer discurso ou limite.

Interessante observar ainda na fala de Seu Juarez doenças com características peculiares que, segundo o curandeiro só podem ser tratadas com a cura e que possuem grande importância na afirmação dos curandeiros como especialistas indispensáveis na manutenção da saúde psico-social:

*“Zipela, é um vermelho que dá, dá em qualquer parte do corpo, as vezes dá mais nas pernas,as vezes incha as pernas, incha fica aquele vermeião medonho viu. Aí*

---

<sup>114</sup> Seu Juarez, curandeiro. Entrevista cedida em 19 de Maio de 2006.

<sup>115</sup> Idem

*as vezes larga aquela pele, é uma doença, é um negócio que dá na pele. É uma vermeia danada, se num curar num fica bom não, tem que ser com cura né”<sup>116</sup>*

Já havia sido dito nesse trabalho sobre a “exclusividade” da cura em tratar algumas doenças do “espírito”, porém também é comum encontrar nas falas dos curandeiros infortúnios ‘físicos’ que igualmente aos males do espírito só podem ser tratados através da cura. Porém esses infortúnios ‘físicos’ são mais facilmente associados a outros tratamentos mágicos que não a cura de forma propriamente dita, como a utilização de ervas feitas pelos próprios curandeiros e alguns ritos específicos.

Portanto o caminho que leva um indivíduo ao curandeiro, segundo os curandeiros e alguns indivíduos que lançam mão das práticas mágicas de cura, são os sintomas (socialmente reconhecidos) de doenças específicas, a proximidade do indivíduo com essas práticas mágicas e a disposição de alguns outros fatores não muito presentes nos discursos, porém com alguma importância.

### **3.2 – Do médico ao curandeiro**

O sentido inverso dessa trama não está muito distante da anterior, porém há singularidades.

O discurso oficial médico expurga práticas não comprovadas cientificamente como eficazes e “aconselha” a toda a população de clientes dos serviços de saúde oficial a não se utilizar destes serviços sob o preço “comprovadamente” alto de prejudicarem a própria saúde, muito embora seja possível encontrar profissionais da medicina que não avaliam essas práticas de maneira tão superficial ou aceitando mesmo a participação mútua destes especialistas mágicos na recuperação do equilíbrio não só do indivíduo como também do grupo social e seus símbolos e ritos. Devo salientar novamente que nos limites que escolhi para esse trabalho não entrevistei nenhum representante legal do discurso médico, as afirmações inseridas são retiradas de trabalhos a respeito e artigos médicos, pois observo apenas o discurso oficial sobre os indivíduos que praticam a medicina, não procurando encontrar e/ou entender os sujeitos dentro das falas desses profissionais da medicina e sim na fala dos curandeiros.

---

<sup>116</sup> Ibidem.

A informatização do mundo atual permite que praticamente todos os lares e indivíduos tenham acesso à informação (no caso deste assunto, refiro-me às informações sanitárias e médicas a respeito das possibilidades socioculturais), uns indivíduos possuem mais e outros menos acesso a tais informações, entretanto de alguma forma todos tem algum acesso. Esse acesso permite que qualquer pessoa simples conheça as recomendações sanitárias e médicas que constantemente nos evocam no dia-a-dia, no entanto há muitos outros motivos que não permitem o abandono total ou parcial de determinadas práticas. Como classifica Paula Eleta o pensamento mágico está difundido em praticamente todas as partes, o que há são intensidades e experiências simbólicas diferentes entre os grupos sociais.

Há em Morada Nova, segundo pessoas que conversei e preferiram não se identificar, mas que admitiram já ter lançado mão das práticas mágicas de cura e também alguns curandeiros que entrevistei, médicos que aconselham pacientes a buscar o auxílio de algum curandeiro mesmo diagnosticando o paciente e buscando atender ao “pedido de cura” daqueles que os procuram, esses médicos especulam ao paciente a possibilidade da eficácia da cura mágica. Segundo Mauss a tradição é uma das principais ferramentas por onde se perpetua os ritos mágicos.

Deparei-me outro dia com um artigo acadêmico na internet a respeito das curas, principalmente as oferecidas nos templos religiosos. O termo utilizado para designar as curas logo no início do trabalho me fez clarear a idéia de repulsa do pensamento científico atual em relação às praticas de cura. “Doença mental ou invenção cultural”, assim estava classificada a cura neste artigo, demonstrando sem rodeios como nas pesquisas e produções acadêmicas atuais ainda há um olhar de “repúdio racional” (entenda-se esse repúdio como uma tentativa de expor a não-necessariedade dos ritos mágicos) às práticas de cura.

Esse artigo seria menos importante a primeira vista se não fosse pelo fato de ser um artigo médico oficial de uma academia “científica” discutindo a validade e até a criminalização das práticas de cura. A formação médica é composta também por outros olhares sobre o curandeirismo, mas esse artigo demonstra como ainda é forte (coloco

ainda, mas não pretendo afirmar que um dia não será) o “pré-conceito” acadêmico às práticas mágicas de cura.

Se este artigo fosse uma exceção a respeito deste assunto não teria tanta importância. Porém pesquisando um pouco mais na internet não demorei muito para encontrar vários artigos científicos de revistas especializadas e reconhecidas de várias áreas do conhecimento que tentam ou conseguem, para alguns, discriminar, ridicularizar e até criminalizar o curandeirismo. Sejam psicólogos, médicos, advogados, farmacêuticos ou filósofos, há muitos artigos de pesquisadores a respeito dessa possível ilegalidade ou imoralidade dos serviços mágicos de cura.

Sempre vai haver charlatões que se passam por curandeiros, como também sempre existirão indivíduos de má índole praticando a medicina, porém é um exagero criminalizar todo um grupo e suas práticas por consequência disso.

No entanto também encontrei em artigos e pesquisas na internet estudiosos que acreditam na possibilidade de união entre os dois campos de “conhecimento” (Magia e ciência: visto que, como assegura Mauss, a magia contém um grande conhecimento prático da natureza e por isso pode ser pensada como forma de conhecimento não racional), sempre respeitando a racionalidade dos conceitos médicos e sanitários.

A utilização dessas duas práticas (medicina e curandeirismo) permeia tensões e disputas, porém essas tensões não alcançam com a mesma intensidade os indivíduos que lançam mão de ambas as práticas de saúde.

Hoje muito é dito sobre uma possível “co-existência pacífica” de ambas as práticas curativas. Entretanto não percebo essa ‘permissividade’ de forma tão romântica. Há indiscutivelmente mais locais de ofertas mágico-religiosas pelos quatro cantos, porém essa existência se dá de forma impositiva, isto é, a necessidade da procura que criou as abundantes ofertas de serviços mágicos e não uma “aceitação” do discurso oficial médico, a medicina continua a não reconhecer a magia.

### **3.3 – Curandeirismo no século XXI**

O curandeirismo em Morada Nova é extremamente presente nas práticas cotidianas da população, percebe-se que tanto em grandes centros urbanos, segundo

Guerriero, e em pequenas cidades como Morada Nova há um crescimento impressionante dessas práticas mágicas, todos esses magos especialistas em cura citados nesse trabalho tecem diariamente uma rede de transformações e permanências.

A magia de uma forma geral está “renascendo” (talvez esteja apenas sendo redescoberta e redefinida pois nunca deixou de existir) nos recantos mais remotos e nos grandes centros urbanos, onde até pouco tempo atrás eram completamente fechados para todo tipo de magia e “crendices”, ou assim esperavam alguns que o fosse.<sup>117</sup>

*“A sociedade brasileira vive hoje um aguçamento do processo de secularização. Os sistemas de crenças religiosas interagem com as demais esferas da vida social, notadamente a ciência. Presencia-se um cientificismo vulgarizado pela mídia mesclado com crenças religiosas tradicionais. Crê-se ceticamente. Mais precisamente, evita-se falar que se crê naquilo que as religiões instituídas pregam. Diz-se religioso, com uma religião, seja tradicional ou não, mas não há compromisso em seguir aquilo que prega tal denominação religiosa.”<sup>118</sup>*

Em alguns casos, a busca de alguns indivíduos por serviços mágicos de cura, segundo suas falas, está relacionada à disponibilidade dos fatos, “Às vezes a gente sabe que só um curandeiro dá jeito”, diz uma mulher que admitiu lançar mão dos serviços de cura em relação a certas enfermidades tratada apenas por curandeiros. Por exemplo, se em determinada casa os objetos eletrônicos estão se danificando com alguma frequência as pessoas daquela residência acreditam na possibilidade real de serem “perseguidas” de alguma forma por outra pessoa, e se durante esse período de “mal-estar” um dos habitantes desse domicílio adoecer, imediatamente algum dos familiares associa todos esses acontecimentos com o infortúnio que atingiu um membro da família. Essa perspectiva social é reforçada pela fala de Dona Mariinha:

*“Tem gente que bota olho grande nas coisa alheia...acaba até fazendo mal sem querer.”<sup>119</sup>*

Então se busca pelos serviços de um curandeiro porque alguém da família crê que há alguma força externa “manipulando” negativamente aquele lar. Assim os fatos

---

<sup>117</sup> ELETA, Paula. O encanto mágico. A magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do sul.

<sup>118</sup> GUERRIEIRO, Silas. A fé na ciência: o ensino da evolução e sua congruência com o sistema de crenças. ABA – Fórum de pesquisa ventura e aventuras religiosas. 2000, p. 01.

<sup>119</sup> Dona Mariinha, curandeira. Entrevista cedida em 2005.

anteriores justificam a doença, e não necessariamente os sintomas ou qualquer outra coisa relacionada diretamente com a “doença” (infortúnio).

A doença aí possui um caráter “complementar” do estado “extra-natural” ao qual está passando aquela residência (espaço comum). Pode-se dizer ainda que a “doença física” é uma extensão do desequilíbrio em torno dos indivíduos desse ambiente. Essa extensão não é vista de forma separada, segundo uma senhora que preferiu não ser citada, quando algo assim acontece é preciso “curar a pessoa e a casa”, pois se o ambiente continuar contaminado não haverá a saúde individual. Voltando ao conceito trabalhado no primeiro capítulo percebemos como nesse caso o corpo é tido como uma extensão do meio e o equilíbrio de ambos dependem da saúde de ambos.

Observa-se aí a compreensão dos distintos significados que é dado ao corpo e ao que o cerca. A casa é, nesse caso, extensão do próprio corpo, tendo ela condições de propagar um mal hospedado em seu espaço. O corpo que sofre com a doença é extensão do mundo natural e extra-natural.

O curandeiro possui o poder e o dever de manter ou refazer o equilíbrio social. A particularidade de seus serviços os tornam indispensáveis na manutenção do bem-estar psico-social. Porém é de conhecimento público que as práticas de cura sofrem resistência por determinados grupos sociais.

Alguns portais de notícias online publicam freqüentemente matérias sobre as práticas mágicas de cura. A notícia abaixo é de um famoso portal sobre curandeiros brasileiros na Espanha.

***“Brasileiros são presos na Espanha por ‘curandeirismo’ da BBC Brasil - 28/01/2008***

*Oito brasileiros foram presos nesta segunda-feira na ilha espanhola de Palma de Mallorca acusados de fraude por anunciar curas milagrosas.*

*De acordo com a polícia, a operação chamada de "Vodu Brasil" acabou com uma rede de curandeiros e videntes que atuava na Espanha há quatro meses...*

## **Doenças**

*Os brasileiros foram acusados também de delito contra a saúde pública por oferecer tratamentos de doenças.*

*Nas consultas, segundo a polícia, a quadrilha aproveitava para vender misturas de plantas e partes de animais como curas para infertilidade, problemas de pele, ossos e sangue e limpeza espiritual.*

*Segundo os detetives, as investigações para este tipo de fraude são "lentas e difíceis porque as testemunhas muitas vezes acabam convencidas de que denunciar esses falsos curandeiros pode atrair desgraças".*

*"Quem procura este tipo de serviço é influenciável", disse o porta-voz da polícia. "Normalmente, pensa que é melhor não se envolver porque, em algum momento, esses videntes fizeram ameaças."*

*A quadrilha é formada por membros de uma mesma família, que não tiveram seus nomes divulgados, e atuava na Espanha desde setembro de 2007.*

*Pelos crimes contra a saúde pública, os brasileiros podem ser condenados a penas de três anos de cadeia. A sentença pode incluir ainda mais dois anos por fraude, dependendo do número e da gravidade das denúncias.<sup>120</sup>*

A criminalização das práticas mágicas de cura pode soar absurdo para alguns, porém é extremamente lógico que as práticas oficiais de saúde submetam os serviços mágicos de cura a essa "realidade", pois a não racionalidade desses serviços é tida como irracionalidade ou ilegalidade, visto a subversão dos sistemas de saúde oficiais.

Essa segunda notícia, extraída também de um portal de notícias da internet mostra um caso semelhante ao anterior acontecido aqui no Brasil.

***STJ revoga prisão preventiva de acusados de curandeirismo na Paraíba -***  
*29 de abril de 2008*

*O ministro Paulo Gallotti, do STJ (Superior Tribunal de Justiça), concedeu habeas corpus aos fundadores de centros esotéricos na Paraíba, presos sob a acusação de extorsão, formação de quadrilha, curandeirismo e charlatanismo.*

*Ao revogar a prisão preventiva, o ministro ressaltou que o decreto de prisão não demonstrou concretamente a imprescindibilidade da segregação dos denunciados, evidenciando o constrangimento ilegal. A informação é da assessoria de comunicação do STJ.*

*Para o ministro, conclusões vagas e abstratas de que os acusados podem causar danos à instrução processual sem vínculo com a situação em questão, consistem apenas em suposições, motivo pelo qual não podem respaldar a medida constritiva para conveniência de instrução criminal.*

---

<sup>120</sup> Retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u367594.shtml>

## **O caso**

*Consta nos autos que os acusados foram presos em setembro de 2007, na Paraíba, pelas polícias, militar e civil que cumpriam mandados judiciais desencadeados pela operação “João Grilo”, que apreendeu com os acusados, computadores, veículos importados e R\$ 9.350 em espécie.*

*Ainda segundo o processo, os denunciados há alguns anos aplicavam golpes de cunho religioso, sob a vertente da “cura pela fé”, atraindo as vítimas, sempre pessoas humildes e insipientes, com a promessa de resolver problemas de qualquer natureza. Através do pagamento de consultas, que variavam de R\$ 2.000 a R\$ 8.000, as pessoas eram submetidas a “trabalhos espirituais” a base de ervas, banhos e velas.*

*Segundo decisão do TJ-PB (Tribunal de Justiça da Paraíba), a prisão preventiva de Ricardo de Oliveira, João Alves de Paula Filho, José Ferreira Xavier, Airon da Silva Gomes, Mauro Sérgio Medeiros de Assis, Lucicleide Alves Santos e Fredson Cristiano Gomes de Lima, foi decretada em vista dos fatos tomarem grande repercussão social, diante da quantidade de denúncias das vítimas que foram lesadas, afastando a hipótese do exercício de culto religioso devido, segundo consta na decisão do julgamento, a cobrança de valores abusivos em prejuízo da garantia da ordem pública.*

*Ao analisar o pedido no STJ, o ministro Paulo Gallotti ressaltou os argumentos do voto vencido do desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba que afirma que era exercida atividade exclusivamente religiosa nos centros religiosos, e em hipótese alguma compete ao judiciário dizer qual religião é falsa, importando respeito aos preceitos nela inseridos.*

*Destacando que muitas religiões admitem a cura pela fé, algumas até cobram acintosamente e nem por isso estão praticando crime, pois a verba tem finalidade precípua de assegurar a manutenção dos cultos e das pessoas que os representam. Dessa forma não é possível dizer que pessoas eram enganadas, pois acreditavam que a interferência religiosa e espiritual feita pelos acusados pudesse beneficiá-las.*

*Tal afirmação subestima a capacidade intelectual dos freqüentadores dos “cultos religiosos”. O desembargador defende que a crença deve ser respeitada seja ela qual for. Não sendo possível verificar a existência de crime, porque os atos são inerentes à fé das pessoas.*

*Em face do que foi exposto, o ministro Paulo Gallotti concedeu a ordem de habeas corpus, revogando a prisão preventiva interpelada a todos os acusados, se não estiverem detidos por outros motivos que não os que se encaixam na ação penal julgada, mediante assinatura de termo de comparecimento a todos os atos do processo, sob pena de revogação da decisão.<sup>121</sup>*

Muito se fala do sincretismo cultural que há no Brasil, porém esse sincretismo não existe sozinho no espaço deste país. As concepções científicas existem de forma bastante perceptível, como vemos na reportagem citada acima. No espaço das práticas mágicas de cura habitam muitos “pré-conceitos” etnocêntricos, não observando essas manifestações como qualquer outra atividade cultural, respeitando suas singularidades e re-significações.

---

<sup>121</sup> Retirado de <http://www.direito2.com.br/stj/2008/abr/29/stj-revoga-prisao-preventiva-de-acusados-de-curandeirismo>



Sobre esse possível convívio pacífico entre as práticas mágicas e o conhecimento tecno-científico, podemos lembrar do conceito de democracia racial de Gilberto Freire defendido por muitos estudiosos da história cultural brasileira. Não preciso me prolongar muito para afirmar minha discordância em relação a ambos os conceitos. As discriminações existem e são óbvias para qualquer pesquisador ou pessoa “comum”.

Algumas questões são intrigantes nessa entrevista. O que seria “golpes de cunho religioso”? Quem são essas “pessoas insipientes”? A entrevista de alguma forma parece ser uma “condenação” dentro da própria informação.

Enfim, não é preciso vasculhar muito meios midiáticos para encontrar vozes do discurso cientificista através da medicina e da psiquiatria principalmente ecoando entre nós e em nós, muito embora seja de fácil entendimento que um olhar menos etnocêntrico pode ser encontrado em muitos outros meios de comunicação, apesar de não representar o discurso oficial.

Para concluir esse trabalho trago algumas notícias a respeito das práticas mágicas de cura que deixam claro a possibilidade de observação “midiática” de estas práticas mágicas habitarem o mesmo espaço social das práticas médicas oficiais no que diz respeito a abordagem do assunto, apesar da superficialidade das colocações podemos observar uma concepção diferente nestas notícias que se segue quando comparadas com as citadas anteriormente.

***Medicina popular: Rezadeiras levam saúde ao povo do sertão – 13 de junho de 2004.***

*O avanço da medicina e o preconceito religioso não conseguiram sepultar uma das mais expressivas manifestações de religiosidade popular: a cura através da reza. O programa saúde da família (PSF), que objetiva levar o médico aos mais distantes pontos do interior, não substituiu as rezadeiras, mulheres simples, geralmente mediúnicas, que transformam suas casas em verdadeiros consultórios médicos. Receber as bênçãos de uma pessoa ao menor flagelo de mau-olhado ou ‘quebranto’ acaba sendo um aspecto da credence popular, passado pelos nossos avós e que está avançando no tempo. Ainda hoje, as chamadas rezadeiras ou benzedadeiras são tão procuradas como antigamente, mantendo um costume que os anos não apagam.*

*Na idade média, muitas rezadeiras, acusadas de serem bruxas, foram perseguidas pela inquisição. Hoje, o mesmo controle social é exercido em nome da medicina erudita e pela psiquiatria. O ritual da bênção acontece perto do oratório, freqüentemente há uma vela acesa; muitas rezadeiras têm um quartinho especial para a oração. Cada uma tem o seu carisma e o seu estilo de reza. Elas eram tratadas como*

*curandeiras que exploravam a ignorância popular. Hoje, elas são procuradas por pessoas de todas as classes sociais...*<sup>122</sup>

Essa notícia elucida bem como a realidade atual se coloca para as práticas mágicas de cura, apesar da falta de explanação mais detalhada do tema, afinal de contas trata-se de um texto jornalístico. O curandeiro é cercado por várias tentativas constantes de “sepultamento” da sua prática, porém a realidade simbólica torna cada vez mais necessário os seus serviços.

Em alguns locais há efetivamente uma “interação” entre as práticas mágicas de cura e a medicina oficial, sempre respeitando uma certa “hierarquia”, isto é, conceitos quase “absolutos” de saúde obtidos através da prática médica oficial. Afinal de contas, na nossa sociedade não poderia ser diferente. Como no caso da cidade de Sobral no interior do estado do Ceará que utiliza dos serviços das curandeiras como ampliação dos serviços oferecidos pelo PSF (programa saúde da família).

***Trabalho integrado: Rezadeiras atuam como agentes não formais de saúde.*** – 13 de junho de 2004.

*A secretaria de desenvolvimento social e da saúde tem um cadastro de 114 rezadeiras que atuam como agentes não formais de saúde, com a realização de um trabalho integrado com profissionais das equipes de saúde da família. Em outubro de 1999, elas participaram de um treinamento sobre hanseníase, controle da tuberculose e da mortalidade infantil por diarreia. Formam uma rede de apoio para as ações de atenção primária à saúde. “Elas utilizam cartões que, pela cor, identificam o tipo de encaminhamento de pessoas para as unidades de saúde. Elas rezam e encaminham para os postos de saúde pessoas com problemas de pele, tosse crônica e diarreia. Já tivemos casos identificados pelas rezadeiras com diagnóstico confirmado de hanseníase”, destaca a enfermeira Sandra Maria Carneiro Flor.*

*Um destes casos confirmados ocorreu no bairro do Sumaré. O encaminhamento foi feito através da rezadeira Maria Cardozo, dona Mazô (...)*

*“Quebranto, mau-olhado, botado com três olhos, eu te tiro com dois, com a morte e a paixão de meu senhor Jesus Cristo. Vai-te quebranto para as ondas do mar sagrado. Amém!”. Com esta oração, a rezadeira Maria Cardozo do Nascimento, dona Mazô, atende diariamente, de quatro a cinco crianças em sua residência, na rua Maria Benvida, 57, no bairro sobralense do Sumaré. Também é procurada por adultos com espinhela caída, dores nos braços e nas pernas (...)*<sup>123</sup>

Essa reportagem aborda a possibilidade de diálogo entre as práticas mágicas de cura e as práticas médicas oficiais. Uma (o curandeirismo) serve a outra (medicina) como

---

<sup>122</sup> Diário do nordeste. Fortaleza, Ceará. 13 de junho de 2004. – Caderno Regional, p. 4.

<sup>123</sup> Diário do nordeste. Fortaleza, Ceará. 13 de junho de 2004. – Caderno Regional, p. 3.

uma espécie de apêndice, um pré-conhecimento acerca do flagelo, servindo assim para a recuperação dos pacientes. Observamos como mesmo neste caso o conhecimento mágico de cura é tido como uma etapa inicial do real conhecimento adquirido pela medicina, porém é importante observar como pode haver a integração das práticas de cura.

Enfim, as práticas mágicas de cura estão dispersas em muitos dos locais comuns a todos nós. Essas práticas permanecem “ativas” na atualidade porque as pessoas estão redescobrando o caminho do sagrado através principalmente da magia, e como foi observado, há mesmo um aumento destas ofertas devido ao aumento da procura por esses serviços mágicos de cura em Morada Nova.

## Bibliografia

ALVES, Ruben. *O que é Religião* – ed. Ars. Poética, 1996.

\_\_\_\_\_. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação* – ed. Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *O suspiro dos oprimidos* – ed. Paulus, 2003.

ASKEVIS-LEHERPEUX, Françoise. *A superstição* – Ática, 1990.

ATLAN, Henry. *Com razão ou sem ela. Intercrítica da ciência e do mito. Instituto Piaget, 1994.*

BAUDON, Raymond. *Tratado de Sociologia* – ed. Jorge Zahar Editor, 1995.

BELLAH, Robert N. *A nova consciência religiosa e a crise na modernidade - Religião e sociedade, n. 13/2, julho 1986.*

BERGER, Peter. *Um rumor dos anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural* – Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião* - Paulus, 1985.

\_\_\_\_\_ e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade* - Vozes, 1973.

BIRMANN, Patrícia. *Relativismo mágico e novos estilos de vida* – Revista do RJ / UERJ, I ano, n. 2, 1993.

BOURDIEU, P. *Esboço de uma teoria prática. In; Ortiz, R. (org.) Pierre Bourdieu: Sociologia* - Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas.* – Perspectiva, 1974.

CANGUILHEM, G. *O Normal e o patológico. RJ: Forense universitária, 2000.*

CARVALHO, Marcos. *O que é natureza* – ed. Brasiliense, 1990.

CARVALHO, Antonio Carlos Duarte de. *Feiticeiros, burlões e mistificadores: criminalidade e mudança das práticas populares de saúde em São Paulo – 1950 a 1980.* UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Memória da Saúde: desafios e possibilidades do trabalho em Arquivos e Museus de Ciências.* 1. ed. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2006.

\_\_\_\_\_. *Curandeirismo e Medicina: práticas populares e políticas estatais de saúde em São Paulo nas décadas de 30, 40 e 50*. 1. ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2001.

DORNAS, Danilo Santos. *A separação entre filosofia e teologia*. Revista Eletrônica Print by FUNREI <<http://www.funrei.br/publicações/Metavnoia>

DE BARROS LARAIA. Roque, *Cultura: um conceito antropológico* – ed. Jorge Zahar Editor, 11ªed.

DELACAMPAGNE, Christian. *História da filosofia no século XX* – ed. Jorge Zahar Editor, 1995.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica* – Ed. 70, s.d.

ELIADE, Mircea. *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais* – interlivros, 1979.

\_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano* -

FOOTE-WHITE, William. *Treinando a observação participante*.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber* – ed. Forense universitária, 1995.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão* – ed. Imago, 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e perspectivas* – ed. Humanistas / USP, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas* – ed. L.T.C., 1989.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII* – Companhia das letras, 1988.

GUERRIERO, Silas. *A Magia Existe?* – ed. Paulus, 2003.

HEGENBERG, L. *Um estudo fisiológico*. RJ: Fiocruz, 1998.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. *Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos* – 2 ed., 2004.

JAHODA, Gustav. *A psicologia da superstição* – Paz e terra, 1977.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião* — Petrópolis : Vozes, 1978.

JÚNIOR, Gerson Augusto de oliveira. *A natureza encantada dos tremembé, Propostas alternativas/IMOPEC*, 2002.

JÚNIOR, João Ribeiro. *O que é Magia* – ed. Brasiliense, 1985.

LEVI, Eliphas. *Dogma e ritual de alta magia*. Rider & Company, Inglaterra, 1896.  
*Transcrito e convertido Adobe Acrobat por Benjamim Rowe, junho, 2001.*

\_\_\_\_\_. *A históriada magia – ed. Pensamento, 1972.*

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A noção de estrutura em etnologia – Edições 70, 2003.*

\_\_\_\_\_. *Antropologia – Edições 70, 2002.*

\_\_\_\_\_. *Mito e significado – Edições 70, 2003..*

\_\_\_\_\_. *O feiticeiro e sua magia – Edições 70, 2002.*

MORIN, Edgar. *A suportável realidade – ed. UNESP, 2002.*

\_\_\_\_\_. *Coleção Nome de Deuses: Ninguém sabe o dia que nascerá – ed. UNESP, 2002.*

\_\_\_\_\_ e WULF, Christoph. *Planeta: a aventura desconhecida – ed. Unesp, 2003.*

MORIN, Edgar. *O Paradigma Perdido - a natureza do homem*, Lisboa, Europa-América.

\_\_\_\_\_. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar – ed. Garamond, 2000.*

MAUSS, Marcel. *Esboço de uma teoria geral da magia. In; sociologia e antropologia - Cosac & Naif, 2003.*

\_\_\_\_\_ e HUBERT, Henri. *Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício (1899). In; Ensaio de sociologia – Perspectiva, 2001.*

NATHAN, T. *A guerra intercultural e a psicopatologia, especificidade da Etnopsiquiatria in Terapêuticas e Culturas – UERJ iterrcon, 1998.*

\_\_\_\_\_ . *Georges Devereux e a Etnopsiquiatria Clínica in Terapêuticas e Culturas - RJ Intercon, 1998.*

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra – ed. Martin claret, 2004.*

NOVAES, R. *A Saúde e os conceitos. SP: USP, 1976.*

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo – ed. Brasiliense, 1999.*

PEREIRA, José Carlos. *A magia nas intermitências da religião: deliamento sobre a magia em Marcel Mauss. Revista nures, n.5 - PUC, 2007.*

PERLS, Frederick S., HEFFERLINE, Ralph e GOODMAN, Paul. *Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1997*

PLATÃO. *Fédon ou Da Alma* – ed. Martin Claret, 2003.

Roberto CIPRIANI, Paula ELETA, Arnaldo NESTI. *Identidade e mudança na religiosidade latino-americana* – ed. Vozes, 2000.

SADLER, Steven. *Procurando por Deus* – ed. Ediouro, 2001.

SANTOS, José Luis. *O que é cultura* – ed. Brasiliense, 1983

SPINOZA, Baruch de. *Tratado Teológico-Político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. Lisboa : Nacional. 1988.

THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII* – companhia das letras, 1991.